



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS- CCSA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

MAGNO CRUZ FILHO

UMA LEITURA CRÍTICA DA BALAIADA

SÃO LUÍS

2019

MAGNO CRUZ FILHO

UMA LEITURA CRÍTICA DA BALAIADA

Monografia apresentada junto ao Curso de Ciências Sociais Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para a obtenção de grau em Ciências Sociais Licenciatura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cynthia Carvalho Martins.

SÃO LUÍS

2019

Cruz Filho, Magno.

Uma leitura crítica da Balaiada / Magno Cruz Filho. – São Luís, 2019.

59.f

Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Profa. Dra. Cynthia Carvalho Martins.

1.Balaiada. 2.Maranhão. 3.Povo negro. I.Título

CDU: 316.482.3:94(81).052

MAGNO CRUZ FILHO

UMA LEITURA CRÍTICA DA BALAIADA

Monografia apresentada junto ao Curso de Ciências Sociais
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão –
UEMA, para a obtenção de grau em Ciências Sociais
Licenciatura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cynthia Carvalho Martins.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Cynthia Carvalho Martins

Prof.^a Dra. Tatiana Raquel Reis Silva

Prof.^a. Dra. Patrícia Maria Portela Nunes

São Luís

2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria inicialmente de agradecer aos meus pais por todo amor, carinho, pelos puxões de orelha e pelos ensinamentos que recebi e ainda recebo de ambos ao longo desses anos de vida, ao meu pai, Magno José Cruz (in memoriam) por me ensinar a nunca desistir de lutar e a importância da luta do povo negro através de sua jornada, e da importância de não deixar minha voz se calar, mesmo após sua morte ainda continua sendo um professor e um pai e tanto, e a minha mãe Telma Maria por todo seu esforço em ser tanto pai e mãe ao longo desses anos, por toda sua dedicação para que não faltasse educação para mim e meu irmão e por sempre acreditar e me incentivar até chegar ao fim dessa jornada desta graduação.

Agradeço ao meu irmão caçula Lauro Mandela, por todo seu apoio, por todas as conversas e momentos que serviram de ajuda para continuidade deste trabalho.

Agradeço a minha melhor amiga e irmã de outra mãe, Camila Maria Amarante, por todo apoio dado, por todos os bons momentos, pelos momentos de descontração, pelas aventuras, sou eternamente grato por esses 8 anos de amizade.

Agradeço a minha orientadora e professora, Cynthia Carvalho Martins, por toda a paciência e dedicação, por todos os conhecimentos que foram transmitidos não somente durante a monografia e sim, durante todo estes anos de curso.

Agradeço a Francynilde Cardoso, uma das grandes amizades que a graduação me deu e que irei levar para a vida toda, agradeço por toda sua ajuda, por toda paciência que teve comigo durante todo esse tempo, pelos inúmeros puxões de orelha dados e por todos os conselhos dados ao longo da minha jornada.

Agradeço a Nathalia Pinho, amiga querida com quem compartilhei tanto os bons e maus momentos durante todo esse tempo de graduação com muita de força de vontade, e apesar dos pesares cada um de nós conseguiu chegar até o fim dessa longa jornada.

Agradeço a Suzenny Dutra, uma amizade inesperada durante a graduação e que cresceu e que se mantém firme e forte, amizade na qual pude me apoiar inúmeras vezes, que constantemente me apoiou com suas palavras, com seu carinho e com toda sua atenção tanto por WhatsApp quanto pessoalmente e que mesmo ocupada sempre procurou me ajudar.

Agradeço a Luciana Freitas, a irmã que ganhei ao entrar na graduação, sou eternamente por todo seu amor e carinho, grato por todos bons momentos que tivemos durante esses longos anos de graduação.

Agradeço a Bruna Caldas, amiga e companheira de curso e de luta, por sempre ter dado seu apoio, por perguntar como estava o andamento do trabalho e sempre oferecer ótimas discussões críticas quanto ao meu tema.

Agradeço a Bianca Estefanny, por toda as energias positivas dadas, por sempre levantar minha moral e acreditar no meu potencial em momentos no qual eu mesmo já não acreditava.

Agradeço a Tatiana Barros, a amizade que nasceu a distância e que nem por isso deixou de ser umas das mais fortes, a amiga que sempre pude contar pra ter um momento pra me distrair, seja falando do nosso vicio por series, ou indo jogar no ludorama.

Agradeço a Ana Oliveira, a DJ mais que sensacional, uma amiga e vizinha maravilhosa, quem me convidou para tantas rolês no momento em que mais precisava relaxar e que do seu jeitinho me deu aquele apoio.

Agradeço a Laís Padre, minha grande amiga que não solto de desde 2012, e que sempre esteve ao meu lado, em festas, cinemas, bares e etc, uma amiga com quem sempre posso contar para todas horas.

Agradeço a Samila Pinheiro, amiga, professora e companheira de reggae, amiga com quem pude ter tantas conversas sobre tantos assuntos, com que compartilhei a aflição a cada episódio de game of thrones, que sempre enxergou uma luz em mim e que deu todo seu apoio de inúmeras formas.

Agradeço a Luanne Oliveria, minha musa do carnaval, grande amiga com quem compartilhei inúmeros carnavais, inúmeros dramas e alegrias, e seguimos firmes e fortes em nossas graduações.

Agradeço a meu grupo “Palha Assada” formado por, Luísa Padre, Taiana Santos, Tamires Santos, Raul Barros, Luana Cabral e Victor Padre, bons amigos, os quais sempre tive ótimas reuniões.

Agradeço a Larissa Karine e Rayssa Baldez, minhas duas queridas grandes amigas conventuais, que sempre tratam de levantar minha moral até o topo e me divertem a todo o momento.

Agradeço a Rosemary e Rosa Sousa, as irmãs mais maravilhosas que se fazem presente na minha vida, e que sempre conseguem me roubar muitos risos.

Agradeço a Layna Gomes e Sâmia Santos, duas amigas que mesmo com o pouco tempo de amizade, me conquistaram e se tornaram boas amigas e boas companhias.

Agradeço aos meus amigos de turma Franklennon Matos, Hissac Oliveira, Marcelo Correia, que nessa longa jornada foram ótimas companhias, com quem pude dividir todo o sufoco do curso.

Agradeço a minha turma do curso de Ciências Sociais, juntos passamos por inúmeros desafios, mas cada um conseguiu chegar até este momento no seu próprio tempo e finalizar esta jornada.

Agradeço a todos as amigades que fiz durante o curso, em especial a Juliana Carvalho, Cássia Cutrim, Anna Carollina, Nady Pinheiro, Karine Costa, Yanara Pinheiro.

Agradeço a Nila Coutinho e Poliana Nascimento, que de colegas de trabalho se tornaram grandes amigas e que sempre me deram todo o apoio, energias positivas.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia (PPGCSPA), local o qual fiz parte e que conheci pessoas maravilhosas e fiz grandes amigades, como Jessica Barros e Maysa Coutinho, deixo meu agradecimento a todo corpo docente do programa, em especial para a professora Patrícia Portela Nunes que foi uma professora maravilhosa.

Agradeço a professora Marina Pereira Santos, por toda ajuda que me forneceu durante a minha jornada, e por todo apoio e pelas palavras de encorajamento.

Agradeço a professora Andréa Sodré, com que pude contar bastante durante a minha primeira pesquisa monográfica e também como professora durante a graduação.

Agradeço ao professor Aniceto Cantanhede, por toda a ajuda e apoio dado durante esta monografia.

Agradeço a Coordenação do Curso de Ciências Sociais, por todo o apoio e toda a ajuda dada durante estes anos. Sou eternamente grato a todos os professores desta graduação por todo o conhecimento compartilhando ao longo destes períodos, com eles pude aprender o caminho que devo trilhar daqui pra frente.

Por fim deixo meus agradecimentos a todos aqueles que se fazem presentes em minha vida, por todo apoio mesmo singelo, por todas as conversas, por

todos os momentos compartilhados, fica aqui um enorme muito obrigado e minha eterna gratidão.

*O poder para nós ... nunca foi, não é e não
será dado, mas con-quis-ta-do.*

*E para conquistar parte do poder que nos
cabe, é preciso muita paixão e muita luta!*

Magno José Cruz

RESUMO

Esta monografia tem como princípio analisar de maneira crítica as representações oficiais referentes a revolta da Balaiada que ocorreu no Maranhão, a partir da obra de Domingos José Gonçalves de Magalhães, considerando as classificações sobre a revolta, sobre seus líderes e sobre os quilombos. A discussão teve como objetivos: analisar e criticar obra de Gonçalves de Magalhães, levando em consideração as classificações quanto etnia e costumes dos habitantes, identificar real o papel das lideranças. A metodologia da pesquisa será qualitativa e centrada no levantamento bibliográfico. A pesquisa é feita através da análise da obra e da comparação da mesma com obras que abordam o a tema da Balaiada por outro ponto de vista e questionando a neutralidade do autor quantos seus relatos aos eventos ocorridos.

Palavras-chave: Balaiada. Maranhão. Povo Negro.

ABSTRACT

This monograph has as a principle to critically analyze the official representations referring to the Balaiada revolt that occurred in Maranhão, from the work of Domingos José Gonçalves de Magalhães, considering the classifications about the insurrection, its leaders and the quilombos. The purpose of the discussion was to analyze and critique the work of Gonçalves de Magalhães, taking into account the classifications of the ethnicity and customs of the inhabitants, and to identify the role of the leaders. The methodology of the research will be qualitative and centered in the bibliographic survey. The research is done through the analysis of the work and the comparison of the same with works that approach the theme of the Balaiada from another point of view and questioning the neutrality of the author how many his reports to the events occurred.

Keywords: Balaiada. Maranhão. Black People.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Autores que possuem obras consideradas como a visão oficial dos acontecimentos.....	32
Quadro 2 - Autores com uma visão da Balaiada como um movimento de repúdio ao sistema escravista	35

LISTA DE ABREVIATURAS

APEM - Arquivo Público do Estado do Maranhão

CCN – Centro de Cultura Negra do Maranhão

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

PPGCSPA – Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia.

SMDH – Sociedade Maranhense de Direitos Humanos

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. INSERÇÃO COM O TEMA: CONTATOS INICIAIS COM O RACISMO E A TRANSFORMAÇÃO DA SITUAÇÃO VIVENCIADA PARA A SITUAÇÃO ESTUDADA.....	18
1.1 Contatos iniciais com a questão do racismo: A vida familiar e o histórico do meu pai.....	21
1.2 A entrada no Curso de Ciências Sociais e o acesso às leituras.....	21
1.3 Experiência na Escola e como essa experiencia se desdobrou no interesse pela Balaiada.....	25
2. ANALISANDO A PRODUÇÃO RELATIVA À BALAIADA	31
2.1 – Produção oficial e produção crítica sobre a Balaiada: as distintas abordagens.....	31
2.2 Uma leitura crítica de um trabalho que reproduz a visão oficial de Gonçalves de Magalhães.....	41
3. QUESTIONAMENTO DA NOÇÃO DE NEUTRALIDADE NA PRODUÇÃO OFICIAL: QUANDO A FORMA DE CLASSIFICAÇÃO PASSA PELA ELABORAÇÃO DE ESTIGMAS RELACIONADOS À QUESTÃO ÉTNICA.....	44
3.1 Questionando a noção de neutralidade no livro de Gonçalves de Magalhães.....	44
3.2 A visão oficial sobre os líderes da balaiada.....	48
3.3 Concepções sobre quilombos.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

A Balaiada foi um movimento de revolta popular iniciado nos anos 30 do século XIX, no Maranhão, Piauí e parte do Ceará. A revolta ocorreu devido às condições precárias e a opressão a que os escravizados, indígenas e demais membros população estavam sendo expostos, gerando assim uma insatisfação nos agentes sociais que em grande parte eram escravizados que trabalhavam nas grandes fazendas de cana-de-açúcar e sobreviviam de pequenos roçados implantados nos limites dos designados engenhos.

Estava em curso uma extensa perseguição política sofrida pelos chamados Bem-te-vis, nome retirado do jornal O Bem-Te-Vi, e que congregava adeptos de um partido político que se colocavam contra as dominações da época. Os Bem-te-vis eram formados por aqueles que lutavam contra as opressões vindas pelas mãos dos Cabanos que eram nada mais que a elite da província e esse choque entre esses dois grupos fez com que a revolta eclodisse, sendo a mesma liderada por Raimundo Gomes, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira que ficou conhecido como Manoel Balaio, (dando assim o nome para o movimento) e o líder quilombola Cosme Bento das Chagas. Esses três foram os principais líderes da Balaiada, movimento que se estendeu por um longo tempo, até a chegada de Luís Alves de Lima e Silva que se tornou, posteriormente o conhecido Duque de Caxias após uma campanha violenta na qual resultou a derrotada dos Bem-te-vis.

A esse viés interpretativo, que relaciona a Balaiada ao caráter de um movimento relacionado a um partido político, soma-se uma dimensão pouco explorada, relacionada ao caráter étnico desse conflito. A Balaiada alterou todo um sistema instituído, sendo um movimento itinerante e que arrastava os descontentes e explorados pelo sistema vigente à época.

Nessa pesquisa tentarei abordar o ponto de vista sociológico do conflito ao considerar que a prevalência da visão histórica reproduz uma concepção oficial do conflito. Do ponto de vista sociológico podemos considerar que essa insurreição significou uma revolta contra as relações de dominação predominantes a partir de um regime escravocrata. O ponto de vista sociológico permite entender que foram os representantes de distintos grupos étnicos que empreenderam uma manifestação contra o sistema vigente, marcado por uma profunda exploração da força de trabalho

escrava que alimentava as grandes fazendas monocultoras de cana-de-açúcar e algodão.

Não se pode absolutizar as interpretações considerando somente o campo disciplinar pois, conforme veremos, mais recentemente os historiadores passaram a enfatizar os aspectos mais revolucionários do conflito, conforme veremos nessa monografia. E, além disso, o autor que escolhermos para analisar mais profundamente tem destaque na literatura e na poesia. Levaremos em consideração os vínculos institucionais dos autores. Os que produziram concomitantemente a eclosão do conflito, como o próprio Gonçalves de Magalhães, estavam situados em determinada hierarquia do sistema.

Minha proposta de fazer uma leitura sociológica e antropológica desse movimento faz com que ressalte minimamente a tensão existente entre esses campos disciplinares. Essa análise ajuda a compreender o desafio colocado ao presente trabalho: analisar um conflito que até então tinha sido estudado por literatos e historiadores e por homens públicos do império e, posteriormente, da república. Essa insurreição, tão estudada pela história, desperta um interesse em função da possibilidade desses autores demarcarem uma temporalidade relativa aos conflitos ocorridos no denominado Império brasileiro, interpretando-os como inferiores e sem propósito.

Montei nessa monografia três capítulos interligados. No primeiro capítulo relato fui construindo o objeto de estudo e as dificuldades encontradas nesse processo. Como desde a minha infância a questão do racismo e da luta dos negros estava colocada, em função da militância do meu pai e, à medida que passei a estudar o tema, as dificuldades foram se colocando.

No segundo capítulo apresento autores que estudaram a Balaiada procurando situar a posição deles. Divido-os entre aqueles com vínculos institucionais com uma visão mais conservadora do conflito e outros, que produzem mais recentemente e que enfatizam o caráter revolucionário do conflito. Ainda nesse segundo capítulo detalho com mais minúcia a trajetória do autor que escolhi para aprofundar nesse estudo: Gonçalves de Magalhães.

Finalmente, no terceiro capítulo reflito sobre a noção de neutralidade apregoada pelos autores que reproduzem a visão oficial e apresento a representação

de Gonçalves de Magalhães e Rodrigo Otávio sobre os líderes da Balaiada e como o critério étnico, precisamente de desqualificação dos líderes em função de suas características físicas aparece no estudo desse Gonçalves de Magalhães. Dou ênfase à questão quilombola e reconstruo a concepção de quilombo que aparece no trabalho desses dois autores. Minha intenção é mostrar como Gonçalves de Magalhães reproduz uma visão estigmatizante sobre os quilombos e quilombolas, que atualmente são sujeitos de direito.

1. INSERÇÃO NO TEMA: CONTATOS INICIAIS COM O RACISMO E A TRANSFORMAÇÃO DA SITUAÇÃO VIVENCIADA PARA A SITUAÇÃO ESTUDADA

1.1 Contatos iniciais com a questão do racismo: A vida familiar e o histórico do meu pai

O contato com a questão relativa ao negro e relativa ao racismo se iniciou no âmbito familiar, isso porque meu pai, Magno José Cruz, foi coordenador e um dos fundadores do Centro de Cultura Negra do Maranhão e uma liderança em defesa dos direitos dos negros. Ao entrar no curso de Ciências Sociais da UEMA, passei a me aprofundar mais sobre o tema. No início do curso de Ciências Sociais não tinha decidido se trabalharia com esse tema, mas ao longo dos períodos, passei a ter interesse em trabalhar a temática. Inicialmente pensei em trabalhar as relações étnicas em uma escola e depois decidi trabalhar com uma literatura referida à Balaiada.

Meu pai, Magno José Cruz, foi uma liderança no movimento negro, como foi dito, ele ajudou na fundação e atuou como coordenador por duas vezes entre os anos de 1985 - 1987 e 1987-1989 do Centro de Cultura Negra do Maranhão localizado no bairro do João Paulo. Atuou como conselheiro da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH) e foi sócio-fundador do Sindicato dos Urbanitários do Maranhão.

Magno José Cruz militava sobre a questão do negro e possuía inserção em distintos movimentos sociais, mas sobrevivia, financeiramente, do seu trabalho como funcionário da Companhia de Águas e Esgoto do Maranhão (CAEMA). Após se formar em engenharia civil pela Universidade Estadual do Maranhão, iniciou ativamente sua vida na militância, juntamente com a pesquisadora Mundinha Araújo, a engenheira agrônoma Marluze Pastor Santos e muitos outros companheiros e companheiras que o acompanharam em diversas lutas.

No ano de 2019, a minha orientadora dessa monografia, a antropóloga Cynthia Carvalho Martins e a socióloga Helciane de Fatima Abreu Araújo organizaram o livro “Memória de Lutas: a criminalização dos defensores de direitos humanos”, com o apoio da SMDH. O livro é parte do projeto “Memória de lutas” e tem como objetivo mostrar a luta pelos direitos humanos, focando nos processos de criminalização dos movimentos sociais e defensores de direitos. Um dos escolhidos como defensor dos direitos humanos foi Magno Cruz, pela sua ampla história de luta e pela criminalização

que sofreu inúmeras vezes. Segue um trecho do livro *Memórias de Lutas*, sobre meu pai:

Homem de atuação um tanto quanto discreta, própria do seu jeito de ser, mas incisiva quando a situação exigia, esteve à frente de diferentes campos de luta, discutindo temáticas diferenciadas, por isso era um eterno estudioso. Assim, atuou no movimento dos quilombolas, ajudou nas lutas dos povos de Frechal e de Alcântara, contribuiu com o movimento de mulheres negras, ministrou oficinas sobre preconceito racial. (MARTINS; ARAUJO, p 66, 2019).

Um dos focos do livro é a luta pela democratização dos meios de comunicação. Sendo que meu pai também atuou nessa área, em rádios comunitárias. Segue trecho do livro:

A pesquisa identificou duas situações de pessoas que foram processadas judicialmente por estarem na coordenação de projetos de construção de rádios comunitárias em São Luís e outras que, mesmo sem responder processo judicial, passaram por constrangimentos, como vistorias constantes da Polícia Federal nos estúdios das rádios e nas suas residências, maculando suas imagens perante a comunidade e reforçando estigmas criminalizastes. (MARTINS; ARAUJO, 2019, p 56,).

Ao lado de João Batista Sousa Santos, que também foi um grande defensor dos direitos humanos e também homenageado na obra mencionada, Magno José Cruz lutou incansavelmente pelos direitos das Rádios Comunitárias, em especial a Rádio Comunitária Conquista FM, que se situava no bairro do Coroado, sendo essa diversas vezes fechada e tendo seus equipamentos confiscados pela polícia e pela ANATEL que acusava a rádio de ser ilegal. Ambos os defensores sofreram inúmeras acusações na época, mas mesmo assim com o apoio dos moradores da área conseguiram manter em funcionamento a rádio.

A criminalização de Magno Cruz é a expressão mais concreta da violência física, mas, sobretudo, simbólica da repressão às formas livres de expressão, em tempos de democracia. A reação das forças antagônicas às conquistas dos direitos da Constituição de 1988 se apresenta, também, pelas constantes vistorias da Polícia Federal e da ANATEL, nas rádios comunitárias, seguidas de confiscos de equipamentos e do comprometimento da imagem do trabalho social que estas desenvolvem nos bairros. (MARTINS; ARAUJO, 2019, p 69).

Tal obra conta com o apoio de diversas instituições e diversos grupos e pessoas que conheciam o mesmo e que cederam matérias ou deram seu próprio relato para que os leitores conhecessem uma parte da história de vida deste defensor incansável e que sirva para muitas gerações futuras.

Magno não se dava por vencido. Atuou, ainda, no combate à violência policial, direcionada preferencialmente a exterminar jovens pobres e negros da periferia urbana de São Luís, atitude que o aproximou do Movimento Hip Hop. No campo cultural, também deixou suas marcas. Escreveu textos de cordel. Ajudou na reativação do bloco organizado Carochudos, na Madre Deus. Era um grande admirador do Boi de Maracanã. Poeta e cordelista, participou de forma coletiva e/ou individual, de uma série de publicações. Sua arte era engajada na luta dos segmentos vítimas da exclusão, principalmente das populações afrodescendentes e almejava a construção de uma sociedade justa, solidária e com equidade racial. (MARTINS; ARAUJO, 2019, p 67).

Como filho, ter um pai com todo esse histórico de luta imenso, é algo incrível, sempre o acompanhava em manifestações, durante as suas apresentações nos programas da rádio comunitária, em eventos, no Bloco Afro Akomabu¹ e a todo momento eu recebia um aprendizado mesmo que indiretamente, na minha infância e adolescência sempre fui ciente da luta do povo negro, da importância de não deixar a voz se calar perante ao opressor, não somente na luta racial. Como é relatado no livro “Memória de Lutas”, meu pai se envolveu mais de uma vez em confrontos com a polícia, ou sendo processado por simplesmente estar lutando pela liberdade de expressão, e alguns momentos cheguei a ver pessoalmente e ou em casa mesmo saber que meu pai poderia ser preso, mas em nenhum momento o via se abalar o perder a calma, ele lutava com tudo que podia, mesmo quando foi condenado transformou isso em algo positivo como é relatado abaixo:

No dia 5 de outubro de 2007, Magno Cruz foi condenado a um ano de detenção, pena que foi substituída por prestação de serviços à comunidade, considerando, segundo o argumento do próprio juiz, com base na lei penal, que garante esse direito, que “o crime não foi cometido com violência ou grave ameaça à pessoa, que o sentenciado não é reincidente em crime doloso, e que sua culpabilidade, antecedentes, conduta social e personalidade lhe são favoráveis”. Em função dessa decisão, Magno teve que cumprir uma carga horária de trabalho de 28 horas mensais, ministrando aulas de matemática, no Centro Paroquial São Francisco. Transformou a condenação em algo positivo, ministrando aulas e esclarecendo aos alunos sobre a situação dos negros no Brasil. (MARTINS; ARAUJO, 2019, p 71).

Sempre o enxerguei como uma pessoa muito importante e respeitada por muitos, e até hoje as pessoas com quem encontro e que o conheciam sempre que vão falar algo referente a ele. Assim, é com respeito, com admiração e com gratidão

¹ Bloco afro do CCN fundado em 03 de março de 1984.

a tudo que ele fez pelo movimento negro e pelas outras lutas em que participou, que tento seguir sua trajetória.

O legado de Magno Cruz não se resume somente a mim ou aos meus irmãos e sim as demais pessoas que ele conseguiu ajudar, até inspirar com suas palavras, e que até hoje lutam pela igualdade, pelo respeito, e que carregam a chama dele e passam para outras gerações.

Ao entrar na graduação de ciências sociais já possuía uma determinada visão sobre assuntos envolvendo a questão de raça e etnia devido ao ambiente a qual já estava inserido, e como foi dito ao longo dos anos, fui apresentado a muitos autores e autoras que ampliaram a minha visão e o contato com professores que trabalham essa temática ajudou e ainda ajuda bastante no crescimento do meu conhecimento sobre área.

Posso dizer que tinha uma noção do problema social, mas que precisava transformar esse problema social em um problema sociológico. Para isso precisava problematizar situações sociais e ter uma visão crítica dos próprios textos lidos em sala de aula. Posso dizer que nessa monografia exercitei esse olhar e pude ter uma leitura crítica, em consonância com a visão que me foi repassada desde a infância e adolescência, mas ao mesmo tempo não é muito fácil discutir esse tema teoricamente, e mesmo ler criticamente os autores que tratam da Balaiada.

1. 2 A entrada no Curso de Ciências Sociais e o acesso às leituras

Não saberia dizer exatamente se a entrada no curso de Ciências Sociais tinha a ver com as situações vivenciadas na infância e adolescência. Entretanto, o curso me deu uma visão crítica dos processos sociais e pude até compreender melhor a luta do meu pai e de seus companheiros e companheiras.

Durante o curso de Ciências Sociais fui estagiário e depois secretário do Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia (PPGCSPA), mesmo não tendo ido realizar trabalho de campo, auxiliava na organização de eventos que reuniam quilombolas, quebradeiras de coco babaçu e indígenas. Essa experiência também me aproximou da situação dos povos e comunidades tradicionais, não somente do Maranhão, mas também de comunidades de outros países, como ocorreu em 02 de outubro de 2015 no “Seminário de Pesquisa: Intercâmbio Quênia (África) x Amazônia (Brasil) troca de experiências entre pesquisadores”, realizado no PPGCSPA que contou com a participação de representantes do povo Endorois vindos diretamente do Quênia, os mesmos

compartilharam suas experiências de vida em sua comunidade e aprenderam sobre o modo de vida das comunidades na Amazônia e do Maranhão. No momento de fala dos quenianos, pude compreender que há muitas semelhanças e diferenças entre nossos povos, aprendi que a questão étnica no Quênia é motivada por outras razões.

Em relação às leituras posso dizer que tive acesso a uma gama de autores, mas que percebi que essa questão é bem complexa. Trabalho aqui com Gilberto Freyre (1993), Florestan Fernandes (2007), Lilia Schwarz (1993), três autores com visões distintas e situados em momentos diferentes da história para problematizar minimamente a complexidade do tema. Não quero esgotar esses autores, mas apenas mostrar que uma das problematizações que faço em relação ao trabalho científico sobre a Balaiada tem a ver com essas leituras. Esses autores produzem bem depois da eclosão da Balaiada e tratam de outros temas relacionados à questão do negro. Mas a leitura desses livros me auxiliou na problematização do principal autor lido: Gonçalves de Magalhães. Por que esse autor construiu sua interpretação sobre a Balaiada considerando com grande ênfase a raça dos seus participantes e líderes?

O conceito de raça colocado no âmbito da Sociologia propõe discussões acerca das suas relações em determinado contexto social, em que homens e mulheres inserem-se. Autores como Gilberto Freyre (1933), Florestan Fernandes (1972), Lilia Schwarz (1993), e outros definiram e trabalharam com tais conceitos, na busca de entendimento da relação “sociedade” e raça. Apesar das visões distintas, cada um desses autores relativizava e desmistificava o conceito de raça, inicialmente vinculada a teoria do determinismo biológico.

As teorias do determinismo biológico, predominantes no século XIX e início do XX afirmavam que as características físicas influenciavam diretamente no comportamento dos indivíduos, contribuindo para o reforço do racismo. Os três autores citados repensaram, cada um à sua maneira a noção de raça. Iniciando por Gilberto Freyre que publicou Casa Grande & Senzala em 1993 e teve influência do culturalismo de Boas, pode-se dizer que ele introduziu a discussão sobre cultura no Brasil. A noção de cultura já opera uma relativização da noção de raça.

Foi o estudo da antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. (FREYRE, 2006, p.32)

Casa-grande & Senzala publicada no ano de 1933 por Gilberto Freyre foi a obra que é considerada revolucionária, por diversos motivos, como o convívio das tidas “três raças”, ligando tudo a questão cultural. Em sua obra Freyre não suaviza em suas palavras, a cada página é demonstrado como se dava essa relação do branco, do índio e do negro, a visão estereotipada que índios e negros carregam até hoje, da objetificação sexual da mulher negra pelos senhores de engenho, como as ações do passado ainda possuem grande influência nos dias atuais.

Florestan Fernandes, no seu clássico livro intitulado “O Negro no Mundo dos Brancos” com sua primeira edição lançada em 1972, já problematiza sobre a dimensão política e a condição do negro no momento da passagem dos escravos para a condição de homens livres. O debate que se colocava era como relacionar a dimensão da classe com o racismo. As desigualdades econômicas eram o único fator de dominação ou o racismo era uma dimensão dessa dominação.

O que há de mais evidente nas atitudes dos brasileiros diante do “preconceito de cor” é a tendência a considera-lo algo ultrajante (para quem o sofre) e degradante (para o quem pratique). Essa polarização de atitudes parece ser uma consequência do ethos católico, e o fato dela se manifestar com maior intensidade no presente se prende à desagregação da ordem tradicionalista, vinculada à escravidão e à dominação senhorial. (FERNANDES, 2007, p.41)

O sociólogo Florestan Fernandes escreveu outras obras que estão relacionados a questão do negro na sociedade brasileira, como, “Branco e negro em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana”, de 1953, “A integração do negro na sociedade de classes: No limiar de uma nova era”, de 1965, “Significado do protesto Negro”, de 1989.

A antropóloga e historiadora Lilia Katri Mortiz Schwarcz, que possui inúmeras obras que trabalham a questão do racismo presente na sociedade brasileira, como “Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX”, de 1987, “O espetáculo das raças”, de 1993, “Racismo no Brasil” de 2012, Nem Preto Nem Branco, Muito Pelo Contrário do ano de 2013, e diversas pesquisas que abordam este tema, a autora busca explicar o surgimento do racismo no Brasil, analisando a partir da era colonial e também explicando fatores que contribuíram para que o mesmo se perpetuasse, devido as teorias que se faziam presentes na época, como é apresentado em O espetáculo das raças, obra na qual Schwarcz, procura

explicar como o Brasil do século XIX estava repleto de teorias que espalhavam não somente a noção superioridade racial, como também uma visão um tanto quanto pessimista referente a questão da miscigenação, uma das teorias apresentadas é a do darwinismo social:

Denominada “darwinismo social” ou “teorias das raça”, essa nossa perspectiva via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que “não se transmitiriam caracteres adquiridos”, nem mesmo por meio de um processo de evolução social. Ou seja, as raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, por princípio, entendido como erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de “tipos puros” – e portanto não sujeitos a processos de miscigenação – e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social. (SCHWARCZ, 1993, p.58)

Não tenho a pretensão de esgotar os autores que tratam do racismo no Brasil, antes disso pretendo dizer que minha formação como cientista social tem possibilitado entrar em contato com uma parte dessa vasta bibliografia. Essa oportunidade despertou em mim um interesse por esse tema complexo. Considero o tema complexo porque percebo que mesmo que teoricamente a noção de raça tenha sido superada, o racismo ainda impera. E, com essa monografia pude refletir que no âmbito da própria formação do conhecimento científico a visão estigmatizada dos grupos étnicos está presente. Conforme relatarei ao longo desta monografia, tive a oportunidade de, ao realizar este trabalho, percorrer o caminho de percepção das relações étnicas em uma escola e depois tentar perceber como os trabalhos interpretativos de uma insurreição ocorrida no Maranhão, no caso, a Balaiada reproduz esses estigmas direcionados aos negros e aos caboclos conforme designa de Gonçalves de Magalhães.

Em diversos livros é perceptível o quão forte a raça influencia em determinados quesitos na sociedade em que vivemos, seja no âmbito familiar, de trabalho e até mesmo escolar. Quando se trata de raça no Brasil a discussão é forte, chegando a ser tabu em rodas de conversa, por vezes é dito que não há preconceito racial dentro da nossa sociedade e dentre dos ambientes que vivemos, porém não é o que acontece. O preconceito racial é algo que se faz presente na nossa sociedade, desde a época colonial à época atual. Raça ou assuntos interligados a tal tema, sempre farão parte da sociedade brasileira, como disse Lilia Schwarz na apresentação do livro “O negro no mundo dos brancos” de Florestan Fernandes: “O fato é que raça,

cor, ou mistura foram sempre assuntos essenciais entre nós e sobre nós, surgindo ora como motivo para exaltação, ora como sinal de descrédito”. (SCHWARZ, 2007, p. 12).

As leituras que realizei para essa monografia ampliaram a minha possibilidade de percepção da questão do racismo pois percebi que ele fundamenta as interpretações classificadas como científicas. A Balaiada ocorre antes da libertação dos escravos, quando as teorias de ênfase no critério racial como definindo o escalonamento da sociedade.

1.3 Experiência na Escola e como essa experiência se desdobrou no interesse pela Balaiada.

O interesse pelo tema relacionado a representação sobre os grupos étnicos iniciou com a minha primeira proposta de desenvolvimento da monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais na qual pretendia abordar a situação do racismo em uma escola de São Luís.

No âmbito da primeira proposta de realização da monografia levantei uma bibliografia sobre o tema raça e educação isso porque pretendia estudar as relações étnicas no âmbito de uma escola. É na escola que o aluno tem as suas primeiras relações sociais fora do âmbito familiar e que se expõe a situações nas quais pode ser vítima do racismo.

No dia 30 de março de 2017 iniciei meu estágio de licenciatura supervisionado no Centro de Ensino José Justino Pereira situado no bairro da Cidade Operária, o estágio teve seu fim no dia 26 de maio de 2017. Durante o período em que fiquei na escola tive a oportunidade de observar e aprender como agir em sala de aula. A professora que ministrava a aula de sociologia não possuía formação na área de sociologia e sim pedagogia, e tal fator tornava a disciplina maçante para os alunos, pois a mesma possuía uma visão um tanto limitada sobre determinados assuntos e o material didático também não era de grande ajuda.

Nas turmas de segundo ano trabalhei o conteúdo referente a racismo, conteúdo o qual havia sido indicado pela professora, durante a minha regência. Inicialmente tratei de explicar a diferença entre raça e etnia, e que o termo raça não deveria ser utilizado, após alguns avanços da própria sociologia. Enfatizava que, apesar das dificuldades teóricas do termo raça, não se podia dizer que no Brasil não tinha racismo. Ao contrário da raça o racismo operava nas relações cotidianas.

Durante a regência, levei o texto “Racismo” de Luís Fernando Verfssimo para trabalhar e analisar a visão dos alunos quanto ao preconceito racial na sociedade brasileira. O texto vinha acompanhado de uma pequena atividade, onde eles iriam destacar no texto as expressões consideradas racistas. Ao ver a atividade notei que alguns alunos foram além do que foi pedido e colocaram por escrito seu ponto de vista sobre o texto e sobre o racismo.

Ainda no âmbito da regência, em um outro momento iniciamos uma roda de conversa e durante a essa roda, alguns alunos relataram que possuíam dúvidas quanto a sua etnia. Pude perceber que existe uma carência dos professores ao falar de temas envolvendo raça. Citando a autora Eliane Cavalleiro na sua obra “Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola”, “Falar sobre discriminação no ambiente escolar não é realizar um discurso de lamentação. Mas dar visibilidade à discriminação de que crianças e adolescentes negros são objetos”. (CAVALLEIRO, 2001, p. 7.). Indo mais à frente a mesma cita que as escolas não usufruem dos mesmos privilégios: “é senso comum acreditar que nas escolas todos estejam usufruindo das mesmas oportunidades. Todavia, a qualidade das relações nesse espaço pode ser geradora de graves desigualdades.” (CAVALLEIRO, 2001, p 143).

A grande discussão tanto no ambiente acadêmico quanto na sociedade é qual o termo correto a se utilizar atualmente. Uns ainda preferem utilizar o termo raça, outros o termo etnia. O termo raça ficou ligado a questão biológica e a toda uma ideologia racista, sendo assim o termo raça acaba caindo em desuso no meio acadêmico, porém na sociedade é termo mais utilizado.

[...] Estou ciente de que existe muita polemica no meio acadêmico e na própria sociedade brasileira quanto ao uso do termo raça. Alguns intelectuais o rejeitam, adotando etnia como o mais adequado para discutir relações entre negros e brancos no Brasil. Muitos deles consideram que os antecedentes históricos e acadêmicos do conceito de raça o comprometem, pois o termo está ligado à ideia de dominação político-cultural e à antropologia física. [...]. (GOMES, 2001, p. 84)

Ao abordar assuntos envolvendo a questão racial deveria haver um preparo partindo do professor, visto que este pode ser o primeiro contato do aluno com tais assuntos, caso não tenha sido tratado ou mencionado pelos pais ou familiares. É no ambiente escolar onde aluno deveria ser exposto a discussão sobre o preconceito

racial e como combater o racismo na sociedade em que vive e mesmo discutir sua própria identidade étnica. Visto que a construção da identidade é um fenômeno histórico como trata a autora Maria Palmira da Silva:

[...] importa destacar, que a construção da identidade é um fenômeno histórico. Partimos do entendimento que a construção da identidade se dá no jogo das relações sociais. Isto significa que a identidade deriva de um processo que engloba a dinâmica da reação individuo-sociedade. (SILVA, 2005, p 39)

O fato é que o aluno tem a necessidade de ser estimulado a querer continuar dentro da escola, sem o devido estímulo o mesmo acaba se sentindo desmotivado a voltar para o ambiente escolar e acabam por ter problemas no aprendizado, deste modo o papel do educador é algo essencial na vida do aluno, quanto a estimular a autoestima dos mesmos, segundo Jeruse Romão o educador teria o papel de:

[...] compreender os alunos como indivíduos pertencentes a culturas coletivas. Sendo assim, um aluno não é igual ao outro, nem mesmo entre os aparentemente iguais, ou seja, mulheres, índios, negros... A diferença e, sobretudo a compreensão e o respeito à diferença, é a primeira postura que se deve ter como educador. (ROMÃO, 2001, p 162).

Tratar de assuntos relacionados a raça ou etnia na área da educação, ou até fora dela, é um tabu dentro da maioria das sociedades existentes. A relação entre raça e educação, é algo histórico, tanto dentro das instituições de ensino, quanto fora delas, como veremos mais a frente neste trabalho monográfico. Tratar de assuntos envolvendo a questão racial é algo importante a ser trabalhado, para o aprendizado não somente do aluno, mas também de todo o corpo estudantil e para isso se faz necessário a presença de espaços onde se possa falar dos mesmos, porém para se obter uma educação de qualidade se torna necessário que se estabeleça projetos, políticas educacionais que possam ajudar a comunidade.

É na escola que o aluno tem seu primeiro contato científico com temas como raça e etnia, racismo na sociedade. Porém para o aluno negro que ainda possui dúvidas quanto a sua identidade étnica, este contato pode ser positivo ou negativo, isto vai depender do ambiente que a escola apresenta e da formação do professor. Ir a campo se faz importante para compreender a relação entre raça e educação tanto

na visão do aluno negro, quanto do professor e como ambos lidam com isto dentro e fora da escola.

Nas escolas o racismo se expressa de múltiplas formas: negação das tradições africanas e afro-brasileiras, dos nossos costumes, negação da nossa filosofia de vida, de nossa posição no mundo... da nossa humanidade (CAVALLEIRO, 2001, p. 7.).

O que me fez questionar como um(a) professor(a) formado na área da sociologia lida com tais assuntos? Como o(a) professor(a) enxerga esta dificuldade dos(as) alunos(as) quanto a sua identidade racial? E o que acha que pode ser feito para solucionar ou remediar essa desigualdade educacional entre brancos e negros que vem acontecendo ao longo dos séculos. Visto que São Luís possui uma grande quantidade de pessoas que se declaram negras ou pardas?

A escolha inicial do tema de pesquisa teve relação com a experiência que tive na disciplina de estágio licenciatura quando pude conhecer a realidade dos alunos da escola Justino Pereira ministrando a disciplina sociologia. Ali percebi que o fato da supervisora de estágio não ser formada em sociologia dificultava a sua percepção dos aspectos relacionados ao racismo e que ela possuía uma visão limitada quanto a tais assuntos, sendo que os assuntos a serem tratados em aula já estavam predefinidos pela supervisora, eu como estagiário deveria somente seguir o que havia sido determinado como conteúdo para a disciplina. Vem desse limite que me foi imposto o interesse em estudar como se constroem essas visões negativas sobre os grupos étnicos, pois o seu alicerce está na própria bibliografia produzida e reproduzida na escola. Como esses alunos estudavam a Balaiada? Qual a visão dos grupos étnicos na literatura tratada em sala de aula? Será que esse tema é pelo menos estudado por esses alunos? Esse despertar para o tema não está dissociado da redefinição que realizei em relação ao tema da monografia, conforme vou esclarecer no parágrafo a seguir.

A mudança de tema relativo à educação e racismo para o tema Balaiada se deu em função da minha primeira orientadora ter saído para o doutorado. Passei então a entrar em contato com uma literatura referida a Balaiada, uma revolta que sempre me interessou pois, de alguma maneira envolve o tema relacionado a estigmatização dos classificados como negros, cafuzos e caboclos. A partir desse contato com a literatura sobre a Balaiada passei a me perguntar se os fundamentos

do racismo não estão presentes no âmbito da própria produção acadêmica e se a escola não os reproduz.

A discussão sobre raça e educação é antiga e possui várias opiniões e com o passar do tempo, essa discussão vai aumentando e evoluindo, pois, o seu foco tem como base o aluno na escola ou na universidade, não só o modo como se deve tratar desta temática com o aluno, mas também de analisar como vai a situação no ambiente escolar, se há mudanças positivas ou negativas no mesmo. Ao se trabalhar o assunto raça associado à área da educação, pode se observar inicialmente que em cada sociedade, o modo como este assunto é trabalhado varia, há um preparo tanto dos pais dentro de casa, quanto do corpo docente da instituição ao abordar o assunto. Historicamente falando, o termo raça foi criado como uma maneira de dividir os diversos grupos humanos, sendo uns considerados inferiores (africanos e índios) e outros tidos como superiores (branco europeu), um exemplo desta crença em uma “raça superior” foi durante o regime nazista da Alemanha governada por Adolf Hitler, trazendo para atualidade o racismo e outros tipos de preconceitos crescem ainda mais devido a esta crença na superioridade através da raça. Possuindo como base pesquisas das áreas biológicas interpretadas de maneiras equivocadas, como a teoria evolucionista de Charles Darwin.

Autores da área da sociologia, da antropologia, juristas, médicos e historiadores do século XIX foram responsáveis por diversas pesquisas que possuíam como objeto de estudo o negro e a raça, pesquisas essas que tinham como foco inferiorizar a raça negra, pesquisas e presença dos negros na sociedade brasileira da época. Autores como Florestan Fernandes e Lilia Schwarz, Gilberto Freyre, são alguns dos nomes que conhecemos e que trabalham com este conceito de raça.

Portanto o trabalho de monografia intitulado “Uma leitura crítica da Balaiada” justifica-se por problematizar a representação de autores consagrados sobre a Balaiada, com ênfase em Domingos Gonçalves de Magalhães, considerando as diferentes interpretações e como os autores trabalham os critérios étnicos para classificar a insurreição.

O trabalho justifica-se pela necessidade em problematizar os autores clássicos que escreveram sobre a Balaiada e mostrar como eles reproduzem uma visão oficial que nem sempre está de acordo com o caráter de revolução da própria

insurreição. A Balaiada foi um movimento de revolta ao sistema escravista instituído e na qual os negros se rebelaram. A participação desses grupos escravizados na Balaiada rompe com visão oficial de que são passivos em relação as dominações as quais estão submetidos.

Meu contato inicial com assuntos ligados a Balaiada se dá inicialmente antes da graduação. O Centro Cultura Negra do Maranhão havia publicado no ano 1998 a segunda edição de “A Guerra da Balaiada: A epopéia dos guerreiros balaios na versão dos oprimidos”, se trata de uma literatura em forma de cordel escrita pelo meu pai. Neste cordel é possível entender como aconteceu a Balaiada e quem foram seus líderes, e por onde ocorreu a mesma. Meu segundo contato antes da graduação foi pela obra “Balaiada: a guerra do Maranhão”, lançada no ano de 2009, feita pelo historiador Iramir Araújo, essa obra é uma versão ilustrada dos acontecimentos da Balaiada e através destas duas obras se deu meu contato inicial e em ambas o ponto de vista parte dos oprimidos diferente da próxima obra que irei falar.

Ao iniciar minha pesquisa para este trabalho, resolvi procurar outras obras que tratassem da Balaiada, e através da minha orientadora, recebi o livro “Memória Histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão – desde 1839 até 1840”, que foi escrito por Domingos José Gonçalves de Magalhães, e se trata da versão oficial do que ocorreu na Balaiada. Ao ter contato e ler a obra e conhecer também quem foi o autor, levantei alguns questionamentos que serão abordados mais a frente nesta pesquisa, mas inicialmente um dos meus primeiros questionamentos foi sobre a questão de Balaiada ser trabalhada em sala de aula, visto que foi um dos acontecimentos históricos mais marcantes da história do Maranhão.

Conforme demonstrei, a construção do meu objeto de estudo se deu lentamente (BOURDIEU 1988) e em um processo que envolveu dificuldades, inclusive porque o tema relaciona-se diretamente com a minha própria história de vida.

2. ANALISANDO A PRODUÇÃO RELATIVA À BALAIADA

Em relação aos trabalhos que abordam a Balaiada percebe-se uma maior incidência de trabalhos históricos com predominância de uma visão oficial do conflito que o associa a um movimento sem direção, uma insurreição formada por agentes sociais sem propósito político relevante. Apesar da predominância dos trabalhos dos historiadores, autores de outros campos disciplinares também produziram sobre a Balaiada, e mesmo dentre os historiadores há aqueles com produção mais recente que possuem uma visão crítica e interpretam a Balaiada como um movimento de significativa relevância no sentido de denúncia das condições nas quais viviam os chamados negros, cafuzos, caboclos naquele momento histórico.

Nesse capítulo pretendo apresentar com brevidade as diferentes interpretações sobre a Balaiada. Não tenho a pretensão de totalidade, importa, antes disso, demonstrar como elas não são unânimes e como mesmo aquelas com pretensão à neutralidade estão atreladas à posição social e política dos autores.

Após apresentar a visão de alguns autores partirei para uma análise sociológica do trabalho de Domingos José Gonçalves de Magalhães, que mesmo não sendo historiador reproduz a visão oficial. A leitura será no sentido de demonstrar como os argumentos conservadores estavam assentados a uma representação étnica do autor e sua visão sobre os denominados líderes da Balaiada.

Nesse capítulo não pretendo exaurir a literatura referida à Balaiada, mas considerar prioritariamente o trabalho de Domingos Gonçalves de Magalhães intitulado “Memória Histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão – desde 1839 até 1840. Analiso o lugar de fala do autor e em que medida o conteúdo exposto no livro relaciona-se com sua posição como escritor.

2.1 – Produção oficial e produção crítica sobre a Balaiada: as distintas abordagens

Antes de analisar o livro de Gonçalves de Magalhães farei uma breve análise da produção de autores que trataram a Balaiada situando seus pertencimentos a fim de demonstrar os que produzem do ponto de vista oficial reproduzem os estigmas direcionados aos grupos escravizados, caboclos possuem uma posição que os autoriza a produzir tais estudos. Entretanto há trabalhos críticos,

produzidos mais recentemente, inclusive por historiadores que criticam as produções que interpretam a Balaiada como um movimento sem significado para a historiografia e como um movimento de baderneiros.

Apresento a seguir dois quadros com o objetivo de demarcar a posição dos autores que trabalham a Balaiada. O primeiro quadro contém os autores que possuem obras consideradas como a visão oficial dos acontecimentos ocorridos e que ocuparam cargos de poder. No segundo quadro apresento os autores que tem uma visão crítica sobre a Balaiada, são autores mais recentes, vinculados a universidades e, portanto, com uma posição mais autônoma.

Quadro 1 – Autores que reproduzem a visão oficial sobre a Balaiada.

AUTOR	LIVRO	ANO	FORMAÇÃO	VISÃO SOBRE A BALAIADA
Domingos Gonçalves de Magalhães	Memória Histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão – desde 1839 até 1840.	1865	Graduação no curso de Medicina, no Colégio Médico-Cirúrgico da Santa Casa de Misericórdia	Movimento composto por rebeldes, assassinos, facciosos e bárbaros.
Rodrigo Otavio	A Balaiada, 1839: Depoimento De Um Dos Heróis Do Cerco De Caxias Sobre A Revolução Dos "Balaios"	1942	Faculdade de Direito de São Paulo em 1886.	“Desordem, motim das classes inferiores do Maranhão” “sanguinolenta revolução”.
Astolfo Serra	A Balaiada	1966	Formado em Ciências Eclesiásticas	Movimento revolucionário” “movimento de massa com caráter de reabilitação social! “rebelião de massa”

Fonte: do autor

A obra de Domingos Gonçalves de Magalhães que será analisada mais a frente neste trabalho, se trata de umas das versões oficiais mais aceitas por muitos pesquisadores, devido a riqueza de detalhes. O autor acompanhou a Balaiada viajando para as localidades por onde ela se passava. Descreve capítulo a capítulo os acontecimentos. Esses relatos serviram de referências aos oficiais e foi através

deles que o Coronel Luiz Alves de Lima – que viria a ser conhecido como Duque de Caxias – conseguiu compreender quem seriam os tidos “rebeldes”. No entanto esta versão oficial, parte do ponto de vista de que alguém que estava do lado das forças contrárias da dita revolta. Ao ler a obra o leitor pode perceber que as descrições de Gonçalves de Magalhães são um tanto exageradas, e que tendem a transformar os Bem-te-vis em arruaceiros ou facciosos, assim como uma visão um tanto quanto depreciativa quanto aos costumes e aos habitantes do Maranhão. Segue um trecho nos qual essa visão pode ser observada:

Caxias, a cidade do crime, o refúgio dos facinorosos, o domínio dos pequenos baxás, que a seu grado decidiam das alheias vidas, estava acostumada a ver assassinatos todos os dias. Almas piedosas lhe asseguram grandes desgraças em punição de seus crimes, e quis Deus que ela fosse o teatro sanguinolento de todos os horrores da rebelião, talvez para correção de seus costumes depravados e seus futuros melhoramentos. (MAGALHÃES, 2001, pág. 36).

Quanto ao trabalho do Rodrigo Otávio, tive acesso a duas edições do livro “A Balaiada, 1839: Depoimento de um dos Heróis do cerco de Caxias sobre a revolução dos "Balaios". A primeira, publicação feita em 1903 pela Companhia Tipographica do Brasil é de 1903. A segunda é mais recente, de 2001, pela editora Siciliano, São Paulo. Há outras edições, mas nesse trabalho tive acesso a essas duas.

Rodrigo Otávio reproduz a noção do conflito como associado a “baderna” e desordem. O entrevistado foi o tenente coronel honorário do exército Ricardo Leão Sabino que à época, entre os anos de 1890 e 1892, residia em São Paulo. Com pouco tempo após a entrevista o coronel, nascido em 1814, faleceu. O entrevistado residia em Caxias, no período da Balaiada e teve um papel fundamental na repressão aos denominados balaios.

Abaixo reproduzo um trecho de livro Rodrigo Otávio no qual ele fala do trabalho executado por Ricardo Leão Sabino na repressão aos Balaios:

O Capitão Sabino, encarregado da artilharia e do entrincheiramento das ruas, fez prodígios de actividade e de perspicacia. Foi descobrir no lastro de embarcações, que estavam no porto, e no fundo de antigos armazens, velhos canhões abandonados e carcomidos; retirou-os, convertendo-os em armas de guerra, promptas para seu fatal serviço. Sob sua direcção um numeroso grupo de senhoras formou um operoso laboratorio de munições; umas

derretiam o metal e fundiam balas, outras fabricavam cartuchos, que outras iam enchendo de pólvora e outras ainda arrumando e dispondo nos cumbetes (OTÁVIO: 1903, 45)

O entrevistado de Rodrigo Otávio era então professor de latim em Caxias e à época do conflito passou a ser comandante de artilharia. O próprio Rodrigo Otávio ressalta que se aproximou do Ricardo Leão Sabino em função de relações familiares. Tal fato mostra a interrelação entre as famílias tradicionais do Maranhão. Isso porque o conhecido coronel Sabino era maranhense, casado em Portugal com uma portuguesa.

No livro intitulado *A Balaiada*, Astolfo Serra trabalha a história da Balaiada de uma maneira que ainda não havia sido tentada, sua obra analisa desde a geografia da província maranhense, que segundo o mesmo teria grande influência no decorrer da revolta, em seguida partindo para uma análise do próprio povo que compunha o Maranhão, do índio ao negro e por fim, trabalha a Balaiada em si e seus acontecimentos. O autor não considera justo o tratamento que era dado a revolta:

Não é possível compreender o fenômeno da Balaiada fora da geografia humana. Nem é justo uma rebelião desse porte continue a ser julgada sob o aspecto tristemente célebre de uma arrancada de bárbaros assassinos, que se erguessem, no coração verde das matas maranhenses para o saque e para brutalidade de todos os atentados contra a honra da propriedade alheia (SERRA, 2008, p.18)

A obra em si, se trata vasta pesquisa pelo autor, cada relato minucioso dado por ele mostra uma riqueza de detalhes e também o mesmo não tenta diminuir ou depreciar os participantes da Balaiada e sim ajudar a mostrar o que de fato aconteceu durante como considera autor uma “rebelião da massa”, desconstruindo qualquer visão negativa quanto aos bem-te-vis e balaios e seus líderes, que é dada em obras anteriores. Astolfo Serra cita, que com sorte poderá despertar o interesse das gerações futuras de pesquisadores da Balaiada “[...] é possível que tenhamos sorte de concorrer para que, ao menos, acorde no espírito dos investigadores de História o interesse por um estudo que demonstre, afinal, as verdadeiras razões da Balaiada. (SERRA, 2008, p.23)”

QUADRO 2 – Autores com uma visão da Balaiada como um movimento de repúdio ao sistema escravista.

AUTOR	LIVRO	ANO	FORMAÇÃO	VISÃO SOBRE A BALAIADA
Matthias Rohrig Assunção	A Guerra Dos Bem-Te-Vis: A Balaiada Na Memória Oral.	1988	Licenciatura e Mestrado em História Pela Universidade de Paris VII - Diderot (1977, 1979)	“Movimento revolucionário”
Luiz Felipe De Alencastro	Memórias da Balaiada Introdução ao Relato de Gonçalves de Magalhães	1989	Formado em História e Ciências Políticas pela Universidade de Aix-em-Provence.	“Caráter revolucionário do levante”
Maria de Lourdes Mônaco Janotti	A Balaiada	1991	Formada em História pela Universidade de São Paulo em 1959.	“Movimento de insubordinação” “Luta que definiu os polos de poder da dominação de classe do país”
Magno José Cruz	A Guerra da Balaiada: A epopéia dos guerreiros balaios na versão dos oprimidos	1998	Formado em Engenharia Civil pela Universidade Estadual do Maranhão -UEMA.	Movimento em defesa dos quilombos e da liberdade do povo negro;
Cynthia Carvalho Martins	A Balaiada segundo Gonçalves de Magalhães: análise de representações oficiais dos quilombos a partir do relato de Gonçalves de Magalhães	1998	Antropóloga, professora do Departamento de Ciências Sociais da UEMA	Leitura crítica do trabalho de Gonçalves de Magalhães
Mundinha Araújo	Em busca de Dom Cosme Bento das Chagas – Negro Cosme: tutor e imperador da liberdade	2008	Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA.	“As revoltas dos excluídos”
Iramir Araújo	Balaiada: A guerra do Maranhão	2009	Formado em História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA.	Luta pelas terras maranhenses; Reconhecimento dos verdadeiros heróis da Balaiada.

Fonte: do autor

O autor de “Em a Guerra dos Bem-Te-Vis: a Balaiada na memória oral”, Mathias Rohrig, é *reader* na Universidade de Essex na Inglaterra, o mesmo tem como foco em suas pesquisas a história da América Latina e a História do Brasil. O autor já veio diversas vezes no Maranhão. No ano de 1980 chegou para ter acesso aos documentos que se encontram na APEM que – na época era coordenada pela pesquisadora Mundinha Araújo – se tratam de várias correspondências que foram trocadas durante a revolta. Para ele o contato com tais documentos é de grande importância, pois permite que seja feita uma releitura da revolta em vários aspectos.

O historiador, Luiz Felipe de Alencastro tem como foco em seus trabalhos o Brasil colonial, como o livro, “O Trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul - Séculos XVI e XVII de 2000, foca em acontecimentos na Angola e no Brasil que tem como foco o sistema de exploração colonial da época. Alencastro, em Memórias da Balaiada Introdução ao Relato de Gonçalves de Magalhães, assim se expressa em relação ao conflito:

Desde o início o conflito maranhense no fantasma da guerra racial. De cara, o manifesto "Bem-te-vi" de outubro de 1838 previne que a perda da autonomia municipal em matéria policial transformará os escravos domésticos em espiões das autoridades centrais. Os incidentes fundadores do levante têm a mancha do ódio racial. Balaio, artesão mulato, vê suas filhas serem estupradas por um oficial legalista, adere à revolta e proclama que o partido dos "vendidos aos portugueses" queria exterminar todos os mulatos. O mulato Raymundo Gomes, o "Cara-Preta", ataca a cadeia de Manga, acompanhado "de nove de sua raça", conta Magalhães. Mas é só "em extremo", no desespero da derrota, que "Cara-Preta" decide-se a acender o pavio da revolta dos escravos. (ALENCASTRO, 2009, p. 5)

Em outro momento o autor faz críticas quanto a escrita Gonçalves de Magalhães no que se refere ao relato das lideranças da Balaiada, pela falta de apreciação quanto aos mesmos, em seguida o Alencastro fala da descrença de Gonçalves de Magalhães quanto ao fato da legitimidade da revolta e quanto a cidadania dos negros e sertanejos.

Os malefícios que o escravismo arraigava na sociedade brasileira levavam Magalhães para o campo anti escravista. Mas não o convenciam de que negros e sertanejos poderiam tornar-se logo cidadãos e, muito menos, que as insurreições de escravos fossem legítimas. O ex-escravo Cosme,

comandante dos quilombos do Turiassu — que começaram a se formar em 1813 e só foram derrotados em 1867 — teve um papel mais importante do que parece. A posse dos garimpos do Maracassumé dava aos quilombolas meios de comércio e de defesa. Cosme, que Caxias e Magalhães repetidamente classificam de "infame", fundou escolas para seu povo e tentou exercer liderança sobre os negros e mulatos livres. (ALENCASTRO, 2009, p, 6).

Maria de Lourdes Mônaco Janotti professora do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, ela tem como foco estudos referentes ao Império e à República do Brasil, em seu livro *A Balaiada*, a autora nos mostra inicialmente uma análise do Brasil Imperial, relatando a sua situação econômica e política na época, pois foram catalizadores para as revoltas que estavam acontecendo em suas províncias, tais revoltas que segundo autora, geraram medo na população burguesa “O medo de uma revolta da população mestiça e escrava propagava-se com vigor “ (JANOTTI, 1991, p.36)

Ao falar sobre a Balaiada, a autora faz relatos dos acontecimentos que ocorreram, faz comparações com algumas obras de outros autores que também abordaram a revolta, em determinado momento ela cita a distinção entre balaios e bem-te-vis e como ambos eram diferenciados nos relatos da época.

Esta distinção entre balaios e bem-te-vis tem como principal fundamento tanto os motivos que levaram os indivíduos a se engajar na luta, quanto sua origem social, embora não pretenda estabelecer limites rigorosos. Os balaios foram vistos como pertencentes às “classes inferiores”, sem princípios, “assassinos ferozes”, ladrões e cuidadores de toda sorte de vícios. (JANOTTI, 1991, p. 56).

E em outro ponto Janotti fala do preconceito que se fazia presente na sociedade maranhense daquela época.

Em vários documentos, oficiais ou não encontram-se sempre referências à coloração da pele dos revolucionários, demonstrando isso o preconceito que existia na sociedade maranhense, onde as famílias aristocráticas procuravam esconder toda a e qualquer ligação consanguínea com pessoas que não fossem brancas. (JANOTTI, 1991, p. 56).

A pesquisadora maranhense Mundinha Araújo, que também é fundadora do Centro de Cultura Negra do Maranhão, que possui inúmeras pesquisas referente sobre a resistência do povo negro, as insurreições que ocorreram ao longos das décadas, escreveu inúmeros obras como “Breve Memoria das comunidades de Alcântara” de 1990, “A invasão do quilombo Limoeiro” – 1878 de 1992, “Insurreição

dos escravos em Viana” – 1867 de 1994, organizou a obra “Documentos para história da Balaiada” de 2001 e escreveu também a obra mencionada no quadro acima “Em busca de Dom Cosme Bento das Chagas – Negro Cosme: tutor e imperador da liberdade” (2008). Nesse seu último livro mencionado, a autora fez uma pesquisa extensa para mostrar ao leitor quem foi de fato Dom Cosme Bento das Chagas e como seu deu a sua participação na Balaiada e como se deu sua liderança durante todo o evento. A própria autora na introdução de seu livro faz um relato de como foi sua trajetória e os motivos que a levaram querer iniciar a pesquisa referente a figura de Cosme, que segundo ela em sua época, o mesmo era retratado da seguinte forma.

Sobre a Guerra da Balaiada, havia um breve parágrafo, no qual continha seus principais chefes cujos nomes consegui reter na memória, ou melhor decorar, e quem foram: Raimundo Gomes; Manoel Francisco dos Anjos Ferreira [Balaio] e o Negro Cosme. Desse último lembrava, além do nome, a descrição feita pela professora, de um homem mau e feiticeiro, reproduzindo, dessa forma, para os alunos a versão oficial sobre Cosme construída antes e durante a Balaiada [...] (ARAÚJO, 2008, p.19).

Em seu livro *Mundinha* também fala sobre as revoltas que ocorreram durante o período regencial (1831 – 1840) do Brasil, revoltas como, a Cabanada – Pernambuco e Alagoas (1832 – 1835); Cabanagem – Pará (1835 -1840); Revolta dos Malês – Bahia (1835); Farroupilha ou Guerra dos Farrapos (1835 – 1845); Sabinada – Bahia (1837 – 1838) e a Balaiada – Maranhão (1839-1841), revoltas essas que tiveram grande peso na história de formação do nosso país

As revoltas dos excluídos ocorridos no interior maranhense, formariam em pouco tempo uma massa grandiosa de rebelados contra a opressão, violência e desumanidade com que eram tratados os escravos, os pretos libertos, a população livre de cor que vivam marginalizados em uma sociedade estratificada: brancos/mestiços/negros; senhores/servis/escravos. (ARAÚJO, 2008, p.82).

A literatura de cordel feita por Magno Cruz intitulada “A Guerra da Balaiada: a epopeia dos guerreiros balaio” na versão dos oprimidos que foi publicada pelo CCN, conta como se deu a trajetória da Balaiada, os que lutaram em defesa tanto dos quilombos, quanto pela liberdade dos negros e negras e contra o recrutamento forçado para as forças militares e do abuso de poder exercido pelos mesmos e pelos políticos locais.

Esses negros organizados
 Chamados de quilombolas
 Viram na Balaiada
 Que era chegada a hora
 Da liberdade sonhada
 Renascer naquela aurora

Cosme Bento das Chagas
 Logo então se destacou
 E lá de Lagoa Amarela
 Três mil negros libertou
 E com tal valentia cega
 A Balaiada engrossou (CRUZ, 1998,
 p.6)

Com este trabalho o CCN, busca ensinar através uma nova maneira aos jovens e adultos o que foi movimento do Balaiada, que para os mesmos entendam o que foi e o que ainda é a luta do povo negro no Maranhão. Através destas literaturas, e dos projetos o CCN conscientiza a população negra, contando também com Bloco Afro Akomabu que através das músicas e da dança consegue transmitir a história do povo negro e dizer que a luta continua.

Contei parte da Balaiada
 E da bravura daquela gente
 Há muito o que contar
 Da lição desses valentes
 Cosme, Balaio e Matroá
 Pois quem luta sempre vence

A luta não terminou
 Pois a exploração continua
 Vamos ser os novos balaios
 E sairmos todos às ruas
 Gritando contra os lacaios (CRUZ,
 1998, p.9)

Iramir Araújo, por meio de ilustrações traz uma visão crítica em Balaiada: A guerra do Maranhão, que assim como os demais autores já mencionados, apresenta ao leitor uma outra visão da Balaiada, onde o leitor pode compreender as motivações dos líderes da Balaiada, Raimundo Gomes, Manoel Balaio e Negro Come, e assim

como as demais obras trata o evento como um dos mais sangrentos da história, o autor que é historiador, fez uma vasta pesquisa para não poupar detalhes a cada página e utiliza da linguagem da época nas falas dos personagens.

Ao ter contato com estas obras citadas no quadros 2 e compararmos com as do quadro 1, se pode notar a enorme diferença entre elas, a versão tida como oficial onde os autores reclamam total imparcialidade a cada relato dos eventos ocorridos, so que isso de fato não acontece, a cada descrição das obras oficiais se nota a influência colonial presente na fala de seus autores, principalmente na obra de Gonçalves de Magalhães, quando partimos para o quadro 2, para os autores que optaram por ter como missão não so desmitificar as versões oficiais dos “vencedores”, mas também contar a parte versão que foi excluída, omitida e principalmente alterada por anos e anos nos livros de história para favorecer um lado e desfavorecer o outro e que por inúmeras vezes estão carregadas de um tom depreciativo ao se referir ao povo negro.

Por mais que os Bem-te-vis não tenham se saído vitoriosos na Balaiada, um sinal de alerta ficou marcado para os senhores de escravos, que passaram a temer outra revolta do tipo, como relata a Mundinha Araújo.

As revoltas de escravos no Maranhão não foram vitoriosas, mas serviram para manter os escravocratas sempre alertas e os negros em constante movimento em prol da liberdade, como está evidenciado nestes registros em que os escravos, estão continuamente sofrendo punições por infringirem posturas municipais ou outros crimes previstos pela legislação [...] (ARAÚJO, 2008, p.24).

O fato é que, estes autores ao contarem a versão dos tidos como “perdedores”, fazem a questão de contar em detalhes quem foi cada líder, como se deu o seu papel durante todo o ocorrido e claro a influência que deixaram. Outro detalhe digno de importância é o fato de que alguns autores são maranhenses, isso demonstra que a intenção dos mesmos é mostrar a relevância, pois os mesmos são heróis que lutaram pela liberdade em terras maranhenses, o que se demonstra que estes heróis não possuem o devido reconhecimento nos livros e nem na academia, mesmo após 181 anos de Balaiada.

A professora Cynthia Carvalho Martins realiza uma leitura crítica do trabalho de Gonçalves de Magalhães articulando a escrita do autor a sua posição

institucional. Trata-se do trabalho da orientadora dessa monografia e que na sua orientação teve o cuidado de não me repassar logo o seu escrito para que eu pudesse construir mais livremente minhas interpretações.

2.2 Uma leitura crítica de um trabalho que reproduz a visão oficial de Gonçalves de Magalhães

Domingos José Gonçalves de Magalhães, quando designado para acompanhar o conflito da Balaiada e ser secretário de Luís Alves de Lima e Silva – mais tarde proclamado Duque de Caxias – era à época Pontífice Máximo das Letras Nacionais. Durante os anos de 1839 a 1840 Gonçalves de Magalhães percorreu as localidades por onde o conflito passou e tomou anotações que mais tarde resultaram no livro “Memória Histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão – desde 1839 até 1840.

Domingos Gonçalves de Magalhaes nasceu no Rio de Janeiro dia 13 de agosto de 1811 e com vinte e oito anos saiu do Rio de Janeiro para o Maranhão a fim de acompanhar Luís Alves de Lima e Silva na empreitada de deter o movimento social conhecido como Balaiada. Apesar de já ter uma boa formação, com estadias inclusive na Europa nesse período o literato ainda não possuía a fama que adquiriria tempos mais tarde. O mesmo exerceu também as profissões de jornalista, médico, professor, diplomata e também foi patrono da Cadeira nº 9 na Academia Brasileira de Letras (ABL). Em 1832 lançou seu primeiro livro, intitulado “Poesias”, nesse mesmo ano, o mesmo obteve sua graduação no curso de Medicina, no Colégio Médico-Cirúrgico da Santa Casa de Misericórdia, é considerado o iniciador do Romantismo no Brasil, devido a sua obra “Suspiros Poéticos e Saudades”, que foi publicada em Paris em 1836. Na obra Gonçalves de Magalhães coloca em foco o nacionalismo, o individualismo, o sentimentalismo. É considerada uma obra poética antilusitana, visto que na época o Brasil estava se emancipando de Portugal e tendo sua independência proclamada no ano de 1822.

A parceria de Luís Alves de Lima e Silva e Gonçalves de Magalhães não se encerrou no Maranhão. Em 1842 o já proclamado Duque de Caxias, foi enviado ao sul do Brasil a mando de Pedro II, para dar fim a conhecida Revolução Farroupilha. Assim Luís Alves se dirigiu para a o sul, levando consigo Gonçalves de Magalhães, que iria exercer novamente seu cargo de secretário. Após isso ele parte para o Rio Grande do Sul onde depois se elegeu como deputado. No ano de 1847, o mesmo

inicia sua carreira na função de Ministro dos Negócios, exercendo diplomacia em diversos países, foi nesse mesmo ano que Gonçalves de Magalhães se casou com Ana Amélia, tempos depois ambos tiveram dois filhos. Através do decreto imperial recebeu o título de Visconde de Araguaia no ano de 1876, e vem a falecer dia 10 de julho de 1882 na Santa Sé, no Vaticano.

O livro “Memória Histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão – desde 1839 até 1840” apresenta descrições minuciosas em relação à Balaiada aproximando-se de um relato etnográfico. Entretanto, não podemos perder de vista que esse autor, pela própria propriedade de posição que ocupava, ou seja, ao lado das forças oficiais, reproduz uma visão institucional do conflito. Para ele esse conflito foi promovido por baderneiros e pessoas desqualificadas que pretendiam somente desequilibrar a ordem política do período.

Apesar disso o livro ganhou uma boa repercussão tendo sido considerado como um dos relatos mais bem fundamentados sobre a Balaiada. O livro já foi editado cinco vezes, a saber: A primeira edição do livro de Gonçalves de Magalhães data de 1865 com o seguinte título: Opúsculos históricos e literários: a revolução da província do Maranhão desde 1839 até 1840. A segunda edição do referido livro é do ano de 1958, a terceira edição é do ano de 1865, a quarta edição que se trata de uma reedição feita pela Revista do IHGB, de 1931, e a quinta edição do ano de 1989.

Por ser considerada a versão oficial dos fatos ocorridos, a obra de Gonçalves de Gonçalves de Magalhães é mencionada na maioria dos livros, e como já foi dito anteriormente, na análise dos quadros. Existem autores que possuem uma forte crítica contra esta versão oficial dos fatos, justamente por sentirem falta de imparcialidade do escritor em seus relatos quanto aos escravos, quilombos e estes autores em seus processos de questionam, criaram inúmeras pesquisas, como é o caso de Mathias Rohrig e Mundinha Araújo.

Mas por que questionar a versão oficial dos fatos? Ou Por que contar novamente algo que já está relatado em outras obras? Os autores aqui trabalhados nesta pesquisa, dão-se como tarefa em suas pesquisas contar a versão dos fatos que foram praticamente apagados da história do Brasil, como é o caso de “Documentos para a História da Balaiada”, de 2001, que foi lançado pela APEM - Arquivo Público do Estado do Maranhão - sob a organização da pesquisadora Mundinha Araújo. A obra conta com cerca de 258 documentos enviados referentes ao tema da Balaiada.

O fato é que a obra de Gonçalves Magalhães serviu e ainda serve como grande ponto de partida para o início de inúmeras pesquisas, como esta monografia, e como muitos trabalhos que ainda estão por vir. Entretanto, deve ser utilizada a partir de uma leitura crítica como fez MARTINS (1998), tendo em vista de que

As autorrepresentações nacionais são as primeiras e naturais vias de acesso ao conhecimento histórico e antropológico. Elas devem ser diferenciadas do olhar imperial e estrangeiro, meramente objetificante, sedento principalmente de suas próprias lembranças de uma pátria distante, pouco receptivo a outros modos de conhecimento distintos da formação universitária e racional. (PACHECO DE OLIVEIRA, 2016, p,10).

Ainda associando com a noção de autorrepresentação dada por João Pacheco de Oliveira (2016), a mesma pode sofrer alterações, reapropriações, logo suas mensagens podem variar. E vale destacar a importância não somente da obra Gonçalves Magalhães, e sim de todas, porque é através dessa ritualização da narrativa que o brasileiro inicia seu contato com temas relacionados não somente a Balaiada, mas também sobre as outras revoltas e importâncias das mesmas.

A ritualização de uma narrativa torna muito próximos certos eventos distantes no tempo e no espaço, e penetra na mente dos brasileiros pelas mais variadas e diáfanas formas, ainda que estes jamais tenham conscientemente aprendido e utilizado tais relatos. (PACHECO DE OLIVEIRA, 2016, p,11).

Mesmo que através de maneira curta, uma boa parte da população brasileira tem uma breve noção do que foi a Balaiada, devido ao que aprendeu durante seu período escolar, ou alguns são descendentes diretos de escravos que lutaram durante a revolta.

CAPÍTULO 3 – QUESTIONAMENTO DA NOÇÃO DE NEUTRALIDADE NA PRODUÇÃO OFICIAL: QUANDO A FORMA DE CLASSIFICAÇÃO PASSA PELA ELABORAÇÃO DE ESTIGMAS RELACIONADOS À QUESTÃO ÉTNICA

Nesse capítulo procuro questionar a noção de neutralidade atribuída aos autores oficiais e, ao mesmo tempo demonstrar as suas concepções sobre os líderes da Balaiada e os denominados quilombos.

Os critérios raciais – o sangue europeu e brancura da pele – foram muito importantes para funcionar como sinais diacríticos de poder, distinguindo primária e mesmo visualmente os direitos e obrigações de cada segmento da colônia e, depois, da nação distinguindo visualmente de um lado a elite dirigente (europeizada), e de outro, os indígenas (na condição de coletivos) e os afrodescendentes (escravos ou “livres”). (PACHECHO DE OLIVEIRA, 2016, p. 21).

Atento para a visão estigmatizada produzida por esses autores e como elas ficaram consagradas na literatura e somente mais recentemente passaram a ser questionadas, a partir de trabalhos como aqueles dos autores demonstrado no quadro 2 apresentado no segundo capítulo.

3.1 Questionando a noção de neutralidade no livro de Gonçalves de Magalhães

Logo no primeiro capítulo de sua obra, intitulado “Observações preliminares”, Gonçalves Magalhães inicia falando que não há motivo de espanto quanto as tidas “rebeliões” que vem ocorrendo no Império, e se refere à luta como muitos desejando manter ou obter a tão sonhada liberdade:

Nada há que espantar nos deva nesta série de rebeliões que desde a época da nossa independência até hoje arrebetado nas províncias do Império. Os povos livres, e os que procuram ser, se removem continuamente, ambiciosos do bem sonhado, e impacientes do que lhe escapa[...] (MAGALHÃES, 2001, p.15)

Durante as suas observações Gonçalves de Magalhães, fala de seu compromisso com a história, dando a entender ao leitor de que ele seria totalmente imparcial durante cada relato em seus capítulos, mas se pode notar que não há de fato a dita imparcialidade vindo da parte do autor e visto também que ele já estava de um determinado lado, devido ao cargo que ocupava.

Não é missão da história lisonjear paixões; e bom fora que disto se convencessem os que governam ou alguma autoridade exercem, que tão descuidados anda no futuro, como se nunca lhes devessem tomar ajustadas contas: tratando eu de contemporâneos, já espero que alguém se dê por muito agravado, mas aí vão os fatos e os documentos para juízes imparciais, e sobra-me a consolação de não faltar a verdade, sem agravar culpas. (MAGALHÃES, 2001, p.17)

Ao falar que não iria faltar com a verdade quanto ao conflito entre Cabanos e Bem-te-vis, fica um questionamento, está tida “verdade” não iria beneficiar determinado grupo? Visto que Gonçalves Magalhães estava a serviço do Império para fazer tais observações.

O que se pode notar neste capítulo inicial é que Gonçalves de Magalhães acreditava que tais acontecimentos precisavam ser registrados, mesmo que na memória, para que possam ser transmitidos a gerações futuras, para que fiquem cientes do que as gerações anteriores passaram e que não cometam os mesmos erros e que mantenham vivo legado herdado:

Se as cenas de que somos testemunhas gravas ficam em nossa memória, nem por isso dispensam a narração delas para o futuro; porque devem nossos filhos instruir-se com a lição do passado, e saber por que alternativas passamos, que lutas tivemos, que tropeços encontramos, a fim de que, se possível for, evitem os males que sofremos, e prezem o legado que, à custa de fadigas nossas [...] (MAGALHÃES, 2001, p.17)

Ao chegar ao Maranhão, Gonçalves de Magalhães iniciou uma vasta pesquisa referente aos costumes e tradições dos habitantes locais. No capítulo 2 de sua obra, intitulado “Usos e Costumes do Maranhão”, o autor faz um breve relato de suas primeiras impressões quanto aos cidadãos, quanto as práticas realizadas e o modo de vida levado pelos habitantes, criticando não somente os escravos, mais também a elite local, que segundo ele não respeitavam a nenhuma autoridade.

Muitos dos senhores fazendeiros, à imitação dos antigos barões, vivem sem respeito algum às autoridades, vingando-se por suas mãos de particulares insultos, e acoutam em suas terras os facinorosos que buscam o seu abrigo, e que em tudo se prestam às suas vindictas. (MAGALHÃES, 2001, p.20)

Outro detalhe que lhe chamou atenção foi o fato do cristianismo não ser praticado com rigor na província, o autor acaba fazendo crítica quanto a ausência da prática religiosa.

Em remate deste artigo de costumes, direi que de todos os povos que visitei de todas as províncias do Império em que estive, a do Maranhão, executando a sua capital, é onde menos se acata a religião. As luzes do cristianismo parece que ainda não penetram essas vilas de tetos de palha, e essas choupanas esgarradas em tão vasto território: pobres pardieiros com o nome de igrejas, ermas de fiéis, apenas aninham as corujas, morcegos e mais aves noturnas, cujas as imundícies cobrem o chão sem assoalho, e até mesmo os altares; um vapor pútrido, como o hálito da peste, se exala, do santuário deserto, e tão miserável é o seu aspecto, que parecem monumentos de zombaria ao mais sublime dos sentimentos humanos. (MAGALHÃES, 2001, p.20)

O autor encerra em um tom bem crítico a sua lástima pela situação em que se encontra província do Maranhão.

Nós vimos e lastimamos o que escrevemos! O que se pode esperar de homens não domados por nenhum freio? A província do Maranhão tem sido por vezes teatro de rebeldes e testemunha de outras nas províncias limítrofes, e não são poucas as que precederam a esta. (MAGALHÃES, 2001, p.21)

Ao longo de sua obra, as críticas negativas quanto a situação do Maranhão e seus habitantes é constante dando a impressão que o povo maranhense não havia alcançando o mesmo nível das outras civilizações, a ideia que se tem ao iniciar e à medida que se avança a leitura é que a província do Maranhão era formada nada mais do que um bando de bárbaros ou foras da lei. Como veremos mais a frente neste trabalho o tratamento ao se referir aos membros da Balaiada, é o pior possível, para transmitir a ideia de que os mesmos são os vilões neste acontecimento histórico.

Em determinados capítulos, os relatos referentes ao avanço da rebelião são repletos de exageros, o que acaba por fazendo o leitor imaginar que os atos feitos pelos “rebeldes” eram guiados por pura selvageria e com isso o medo iria dominar a população, que temia o avanço da “rebelião” como é colocado por Gonçalves de Magalhães.

[...]a um mísero ancião octogenário cortaram o ventre e nele coseram um leitão vivo, que lhe roía as entranhas; esta recordação horrível de um suplício tartáreo foi feita ante os filhos e da esposa do desgraçado velho, e nem o deixaram os frios algozes, que galhofavam, sem o ver exalar o último suspiro no meio das cruéis vascas e dolorosos gritos da família, que além deste martírio foi espancada em despedida. (MAGALHÃES, 2001, p.47).

O questionamento da visão historiográfica oficial produzida sobre o Maranhão tem no livro “A Ideologia da Decadência”, do antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida, uma significativa relevância. Esse livro realiza nas palavras do próprio autor:

[...]análise da denominada decadência da lavoura, registrada no Maranhão no transcurso do século XIX, pretende realizar uma leitura crítica as de formas de explicação da situação econômica e social da região, que, para o autor se cristalizaram na vida intelectual (ALMEIDA, 2008, p.19).

Ainda falando sobre a importância da decadência da lavoura Almeida, fala:

A mencionada decadência da lavoura, salientada pela imprensa e enfatizada em documentos e pronunciamentos oficiais no decorrer do século passado, suscitou uma infinidade de interpretações empreendidas por produtores intelectuais os mais diversos, segundo as mais variadas formas discursivas. (ALMEIDA p.19. 2008).

O autor toma como referência gêneros distintos de produção para demonstrar como a interpretação relativa à noção de decadência é uma construção daqueles que ocupam posições dentro da estrutura relacionada às grandes plantações. Assim se expressa o mesmo em relação a esses trabalhos:

A despeito de ocuparem distintas posições na estrutura social e de estarem diferentemente vinculados aos mecanismos de tomada de decisão tais intérpretes encontravam-se irmanados numa mesma preocupação. Todos eles estavam às voltas com proposições, medidas e recomendações visando solucionar os impasses resultantes da mencionada decadência da lavoura. Dispondo-a no centro de suas análises e reflexões os estudos produzidos nas primeiras décadas do século XIX por autores consagrados (...) comumente classificados, nas histórias literárias e pelas agências de legitimação a nível regional, de patronos e clássicos, instituíram-na como elemento essencial para a compreensão da vida econômica e social da província. (ALMEIDA 2008, p. 20).

Almeida está analisando uma gama de autores considerada, e da profundidade de sua análise, o trabalho desse autor nos ajuda a refletir como a história é uma construção e como o lugar da fala tem relação com o tipo de interpretação empreendida.

Poderíamos afirmar que no caso dos estudos sobre a Balaiada reproduz-se uma interpretação que tem como fundamento o apelo à questão étnica como orientando a construção de uma visão negativa sobre o conflito. A monotonia interpretativa relativa decadência da lavoura analisada por Almeida, que classifica a desagregação das fazendas de algodão e cana-de-açúcar como responsáveis pela decadência pode ser percebida nos autores que trabalham a Balaiada, a monotonia dos autores apresenta-se quando falam quem foram os participantes e como eles não possuíam legitimidade social, e por fim a monotonia dos autores oficiais está em atribuir aos participantes e líderes da Balaiada características físicas estigmatizantes, relacionadas à cor da pele e aos traços físicos.

3.2 A visão sobre os líderes da balaiada

Como já foi mencionado no início deste capítulo a Balaiada possuiu diversos líderes, que guiaram os Bem-te-vis para luta contra a opressão que estavam sofrendo pelos Cabanos.

Os humilhados na sua pobreza, os perseguidos pelo recrutamento vendo-se obrigados a sobreviver escondidos nos matos, os discriminados pela cor, os injustiçados em geral e aquela considerável massa de trabalhadores negros escravizados e revoltados levantam-se movidos por todas essas condições sociais em viviam armados abandonam seus casebres, as senzalas dos engenhos e fazendas para guerrear. (ARAÚJO, 2008, p. 83)

Em sua obra Gonçalves de Magalhães faz diversos relatos sobre as características e atos destes líderes, visto que os Bem-te-vis são constantemente tratados como “rebeldes” em vários relatos do autor, o mesmo acaba que utilizando de outras características negativas relacionado a etnia dos tidos rebeldes, não havendo uma separação clara entre as etnias do ponto de vista do autor, como é citado abaixo:

[...]pela mor parte de uma raça cruzada de índios, brancos e negras, a quem chama de cafuzos, os quais são mui amantes desta vida meio errante, pouco

dados a outros misteres e muito à rapina e à caça, distinguindo-se apenas, pouco selvagens pelo uso da linguagem. (MAGALHÃES, 2001, p.20).

Na forma como são descritos os cafuzos, se percebe quão carregado o autor está pela visão colonial de sua época, o que afeta sua dita imparcialidade. Após 181 anos de Balaiada é que os líderes de fato ganharam um devido reconhecimento, saindo do papel de vilões da Balaiada e se tornando heróis pelos seus feitos, pois não é somente a obra Gonçalves de Magalhães que mostra os mesmos como assassinos impiedosos, monstros e até mesmo feiticeiros.

Os autores oficiais se referem ao fato do ponto inicial da Balaiada ter se dado na Vila da Manga que atualmente é conhecida como a cidade de Nina Rodrigues, com a prisão do irmão do vaqueiro Raimundo Gomes. Ele é descrito como o primeiro líder e surge logo início da revolta.

A 13 de dezembro de 1838, na vila da Manga, situada na margem esquerda do Iguará, comarca do Itapecuru, apresentou-se um certo Raimundo Gomes, homem de cor assaz escura acompanhado de nove da sua raça; arrombaram a cadeia da vila e soltaram os presos criminosos. (MAGALHÃES, 2001, p.27)

Gonçalves de Magalhães relata também a origem do Raimundo Gomes, mencionando a fama de assassino do vaqueiro

Nascido no Piauí e filho dessa raça cruzada de índios e negros de que tratamos, criado no campo entre o gado que pastorava, prestando a sua faca às vinganças próprias e alheias, leigo nas letras humanas, apenas conhecido por alguns assassinatos de que impunemente vivia, manchado pela perversidade dos costumes que relatamos e ineficácia das leis não se arrojará a perturbar a tranquilidade publica por motivos políticos [...] (MAGALHÃES, 2001, p.27).

Encontrei na literatura oficial representações sobre os líderes da Balaiada, sempre descritos a partir de características étnicas. Rodrigo Otávio assim fala sobre Raimundo Gomes:

“Foi a pequena Villa da Manga, distante 12 léguas da Capital e 20 mais ou menos do rio Itapicurú, o teatro da primeira desordem que não pôde ser suffocada e se alastrou, conflagrando quasi todo o territorio da Provincia. Nesse povoado .um preto de nome José Gonçalves commettera um assassinato. Raymundo Gomes, irmão de José Gonçalves e destimido faci:qora, vendo o irmão· e companheiro de tropelias preso -e r~olhido á

cadêa do lugar, foi ter çom o Juiz de Paz e pediu-lhe que proporcionasse a fuga do criminoso. Negou terminantemente o Juiz de Paz o que lhe pedia Raymundo e declarou-lhe que José Gonçalves só seria restituído á liberdade se o Jury o absolvesse. Ante a inflexibilidade do Juiz retirou-se Raymundo Gomes, tendo feito, porém, a formal ameaça de vir no dia seguinte arrancar o irmão da cadêa, por bem ou á força. Beceioso o Juiz de Paz de que o pretQ bandido procurasse converter em realidade sua temeraria ameaça, tratou desde logo de tomar providencias que assegurassem a effectividade da prisão do assassino e garantissem a paz publica na emergencia de um motim. Tendo conseguido reunir 42 guardas nacionaes, o Juiz de Paz armou-os como pôde, e ficaram todos de escolta ao fragil edificio que servia de cadêa. Ao outro dia, pela manhã, Raymundo Gomes, acompanhado de mais sete companheiros, entrou na Villa, dis· posto a executar o que havia promettido ao Juiz de Paz. Tendo conseguido aproximar-se sem que ninguem lhe embarçasse a marcha, o bando de Raymundo Gomes fez uma descarga sobre a inexperta guarnição, pondo-a em compieta debandada. Senhores do terreno, então, os assaltântes apoderaram-se da cadêa, e, arrombando-lhe as portas, de lá tiraram, nã.o só José Gonçalves, como todos os outros criminosos que se achavam reclusos, em numero de oito ou dez. ” (OTÁVIO, 1903, 32)

Raimundo Gomes acaba sendo capturando em Miritiba – atualmente a cidade de Humberto de Campos - pelas forças de Luís Alves de Lima e Silva. Após sua rendição, Gomes recebeu uma oferta de exilio, a qual aceitou, “depois de anistiado, assinou o termo de evacuar a província por oito anos. Sendo-lhe designada a de São Paulo para sua residência.” (MAGALHÃES, 2001, p.124), porém acaba falecendo antes de chegar ao seu destino.

Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, que ficou conhecido como Manoel Balaio - devido ao seu ofício de fabricar e vender balaiois - aparece no momento em que o autor descreve em que o oficial Guimarães vai atacar Raimundo Lopes que está em Chapadinha. Balaio, já possuía um forte motivo para atacar o oficial Guimarães, pois este teria estuprado duas de suas filhas, como é citado abaixo. Analisando essa visão questionamos quem de fato estaria promovendo a violência? Assim se expressa Gonçalves de Magalhães sobre o líder Balaio:

Outro rebelde à frente de número grupo começou a ter nomeada pelas suas atrocidades: foi este o célebre Balaio, que deu seu nome a todos os rebeldes. Motivos de vingança o arrastaram às fileiras da rebelião. Contam que duas

filhas suas tinham sido desfloradas por um certo Guimarães, oficial de comissão que da vila do Itapecuru-Mirim marchara com golpe de gente para atacar Raimundo Gomes na chapadinha logo em princípios da revolta. Balaio, posto que de baixa esfera e pobre, assim ferido na sua honra, jurou lavar com sangue a nódoa de suas filhas e cheio de indignação publicou a sua desonra, excitou o ânimo dos amigos e conhecidos atraiu gente, e repetia a linguagem dos faciosos[...] (MAGALHÃES, 2001, p.31).

Na obra de Gonçalves de Magalhães, Balaio é descrito como facioso e como semente da destruição e violência por onde passava a onda de crueldade era imensa.

[...] destarte colocou-se Balaio à testa de um enxame de rebeldes, e começou a semear por onde passava destruições e mortes. Nenhum outro avantajou nas crueldades, que muito o enfurecia a sede implacável da vingança. Já então dizia-se que a força inimiga subia 400 homens, e daí progressivamente foi sempre aumentando: evitando o encontro com nossas tropas, só cuidavam os seus chefes de roubar as fazendas, arma-se e engrossar as suas turmas com quantas os se iam levantando e aderindo à sua revolta [...] (MAGALHÃES, 2001, p.32).

Autores atuais, com relatam que Balaio não era bem este assassino que é retratado nas obras oficiais, como cita o Mathias Rohrig, “Outro aspecto fundamental a meu ver, é a história do Balaio, que emerge destas fontes. Aqui o Balaio é pai que libertou o filho recrutado à força no dia 22 de novembro” (ASSUNÇÃO, 2001, p.11). Portanto se pode notar mais uma vez o tom de exagero na fala de Gonçalves de Magalhães, para que os líderes caíam em descredito na boca do povo. A luta de Balaio teve seu fim em Caxias, tal fato é relatado pelo autor.

Eis pois Caxias de novo entregue à voracidade desses bandoleiros, que nela a 9 de outubro em número de 400, capitaneados pelo facinoroso Balaio, que aí morreu de um tiro disparado por dos seus, em ocasião roubavam a casa de um suíço onde mataram 14 pessoas. (MAGALHÃES, 2001, p. 62).

Outra liderança mencionada na obra de Gonçalves de Magalhães é do líder dos indígenas. Gonçalves de Magalhães relata sobre o líder em um momento onde se arquitetava um plano para atacar a vila do Rosário.

[...] deixou aquela companhia, aliando à sua arrojada empresa 300 aventureiros, inclusive o velho Matroá e outros caudilhos quase todos

caboclos da aldeia de São Miguel, que demora à margem do Itapecuru, entre o Rosário e o Itapecuru-Mirim [...] (MAGALHÃES, 2001, p.119)

O velho Matroá, que ao lado de Raimundo Gomes participou de diversos ataques contra os homens de Luís Alves de Lima e Silva.

Veterano de outras guerras
O chefe índio Matroá
Aderiu a Balaiada
E como líder foi lutar
Tendo menção destacada
Na luta do libertar (CRUZ, 1998 p.5)

O chefe indígena acabou sendo rendido juntamente com Raimundo Gomes em Miritiba, Matroá acabou falecendo um mês após o acontecido. O líder se gabava de todas as lutas que havia participado ao longo de sua vida.

Primeiro que que ele, se apresentou o velho Matroá, todo curvado com peso de 120 anos de idade e crimes arrastando, uma longa espada, entretanto audaz, e fazendo alardo de ter entrado em todas as grandes e pequenas revoltas do Norte sua vida: faleceu este velho depois de um mês de sua apresentação. (MAGALHÃES, 2001, p.124)

Como mencionado acima a situação na província do Maranhão era crítica devido ao descontentamento por conta do recrutamento forçado, e também por conta do preconceito e da discriminação pelas quais o negro era exposto. Devido a este clima de insegurança surge Cosme Bento das Chagas liderando diversos negros na luta pela liberdade.

Foi considerado por muitos como feiticeiro, até mesmo um monstro, devido a historiografia oficial, como é citado nos relatos de Gonçalves de Magalhães “[...] onde em número passante de três mil, e capitaneados pelo negro Cosme tido por feiticeiro, grandes devastações fizeram[...] (MAGALHÃES, 2001, p.36)”

Enquanto dava esperança aos negros escravizados, Cosme era temido pelos fazendeiros por justamente estar libertando os escravos aonde fosse, se intitulado assim Imperador das liberdades, guiando o povo negro para o quilombo de Lagoa Amarela situado na região de Chapadinha.

O Negro Cosme, o facinoroso fugitivo das cadeias da capital, começava a ser importante figura que mais assustava os fazendeiros, por achar -se à frente

de três mil escravos por ele sublevados. Assinava-se d. Cosme, tutor e imperador das liberdades bem-te-vis; proclamava à escravatura, dava títulos, postos, estabeleceu uma escola de ler escrever, e aquilombando nas cabeceiras do Rio Preto, comarca do brejo na fazenda da Lagoa Amarela, tinha piquete avançados e mandava partidas roubar e insurreccionar as fazendas circunvizinhas. (MAGALHÃES, 2001, p.102)

Cosme encontrou seu fim entre os dias 19 e 25 de agosto, sendo enforcado em Itapecuru-Mirim. Cosme representa até hoje um símbolo de luta e resistência para o movimento negro.

3.3 Concepções sobre quilombos

A concepção oficial sobre quilombos reproduz os estigmas e associando-o a noção de negros fugidos das denominadas fazendas. Atualmente sabemos dos limites dessas interpretações, considerando o caráter de construção dos denominados quilombos, tal como preconiza ALMEIDA (1996). Para o autor o conceito de quilombo não pode se limitar somente algo territorial, o autor considera que o seu conceito seria

O conceito de quilombo não pode ser territorial apenas ou fixado num único lugar geograficamente definido, historicamente “documentado” e arqueologicamente “escavado”. Ele designa um processo de trabalho autônomo, livre da submissão aos grandes proprietários. Neste sentido, não importa se está isolado ou próximo das casas-grandes. (ALMEIDA, 1996, p.18).

Lendo o trabalho de Gonçalves de Magalhães, observei que a noção de quilombo, referida sempre a um lugar de negros fugidos. O excerto transcrito abaixo expõe aspectos relacionados à fuga dos negros para os quilombos no período inicial da Balaiada.

[...] fugitivos os senhores fazendeiros deixavam à mercê dos rebeldes seus casais e escravos, e estes aproveitavam do ensejo para fugir ao trabalho das lavouras devastadas, e foram acoutar-se daquele lado da costa entre a barra de Tutóia e Preá, onde em número passante de três mil, e capitaneados pelo negro Cosme tido por feiticeiro, grandes devastações fizeram[...] (MAGALHÃES, 2001, p.36)

Em Rodrigo Otávio a descrição dos quilombos também pôde ter sido encontrada, segue o trecho:

Como quer que fosse, porém, alguns dias após estes tristes successos aproximou-se da fazenda a força ao comando do Capitão Sabino; ahi foi ella dividida em duas alas, fazendo-se um cerco que produziu os melhores resultados. A acção foi rapida e feliz. Sorpresos, os quilombólas atacaram as forças sitiadas, mas tiveram que ceder á impetuosidade do assalto, debandando pelo matto, deixando prisioneiros cerca de 2.400 companheiros, Entre estes achou-se o chefe Cosme, que, varado por uma bala nas pernas, não pôde fugir. Foi preso, reconduzido para a cadeia da Capital onde na forca, em cumprimento de sentença, expiou tão horrorosos crimes. Ainda na fuga os pretos do quilombo praticaram um acto de barbaridade; passando pelo paiol onde desde alguns dias se achava presa a mísera familia do infeliz Ricardo Naiva, sua mulher e filhos, lançaram fogo á coberta de palha. Felizmente os soldados do Capitão Sabino chegaram a tempo de attender aos gritos das crianças e arrombar a porta do paiol, salvando assim de uma morte horrivel aquellas desgraçadas creaturas. (OTÁVIO, 1903, p.42).

Gostaria de terminar esse capítulo ressaltando que essa visão negativa dos quilombos precisou ser revertida a partir de uma luta coletiva dos quilombolas por seus direitos étnicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a presente monografia parti do ponto de vista que a produção científica não é neutra. Ao contrário, está atrelada a pertencimentos que reproduzem uma visão oficial reforçando uma construção das insurreições como movimentos temporários e de desordem do que está instituído.

Os temas envolvendo essa problematização do racismo na produção científica auxilia a redimensionar o papel das distintas insurreições ocorridas em diferentes situações, tal como o movimento dos cabanos, farroupilha e outros movimentos. É preciso questionar a interpretação de movimentos políticos como desestabilizadores da ordem a passar a interpretá-los como fatores de mudança.

Com essa monografia procedi a uma classificação dos autores e uma interpretação dos seus pontos de vista, entretanto, compreendo que essa classificação apresenta limites, considerando a especificidade de cada produção. Pretendo dar continuidade a essa pesquisa aprofundando mais as questões aqui levantadas.

É preciso uma reinterpretação da história oficial e nesse sentido a leitura crítica que empreendo parece ser um passo dentre muitos outros a serem dados nessa longa jornada. Não podemos nos ater somente a uma versão oficial de determinado acontecimento histórico, como foi visto neste trabalho. A historiografia oficial é marcada de influências da sua época. A produção dos autores atrela-se ao do cargo que ocupavam, como é o caso de Gonçalves de Magalhães e Rodrigo Otavio. Influência essa que podemos notar a cada página e a cada descrição ao falar dos negros escravizados, dos índios e dos vaqueiros. Não se trata de ignorar estas fontes consideradas oficiais, mas sim de buscar outras fontes históricas que também transmitam outro ponto de vista das revoluções, insurreições e revoltas que ocorram. É preciso construir um conhecimento crítico sem ignorar a produção já existente.

O contato com esses livros nos faz notar a questão da presença dos critérios raciais como fundamentais para a classificação de determinado grupo. Esses critérios perduram até hoje.

Tendo como foco geral a Balaiada, esta pesquisa ainda tem muito o que oferecer, pois a muitos pontos de vistas a serem analisados sobre a revolta. Até

mesmo a questão de como a mesma está sendo trabalhada no ambiente escolar. Como iniciei essa pesquisa tratando da minha inserção no ambiente escolar é preciso saber como a Balaiada é tratada nos livros didáticos.

Para finalizar coloco um ponto de vista pessoal referido ao racismo. Do meu ponto de vista a segregação e o preconceito pela cor da pele ou sua origem, não ficou somente época colonial, ambos duram até os dias atuais, de maneira enraizada. O preconceito racial na sociedade é crescente, até hoje homens e mulheres negras são tratados de maneira discriminatória em diversos lugares, desde a escola ao lugar de trabalho, porém as coisas mudaram desde a época colonial e hoje o negro tem a sua voz e luta pelos seus direitos, uma luta que é diária, porém necessária.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **Memórias da Balaiada – Introdução ao relato de Gonçalves de Magalhães**. Novos Estudos nº 23. 1989. março/89. P. 7-13.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Ideologia da decadência: leitura a uma história de agricultura do Maranhão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.
- _____, Alfredo Wagner Berno de. “Quilombos: Sematologia Face a Novas Identidades”. In PVN (org.), Frechal: **Terra de Preto — Quilombo reconhecido como Reserva Extrativista**. São Luís, SMDDH/CCN.
- ARAÚJO, Iramir. **Balaiada: a guerra do Maranhão**. São Luís. Ed. do Autor. 2009
- ARAÚJO, Mundinha. **Em busca de Dom Cosme Bento das Chagas – Negro Cosme: tutor e imperador da liberdade**. Imperatriz. Ética, 2008.
- ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. **A Guerra dos Bem-te-vis: A Balaiada na Memória oral**. São Luís, SIOGE, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. In: BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.07-16.
- CAVALLEIRO, Elianne dos Santos. Educação Anti-Racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.
- CRUZ, Magno José. **A Guerra da Balaiada: a epopeia dos guerreiros balaios na versão dos oprimidos**. 2. ed. São Luís. CCN.1998.
- FERNANDES, Florestan. **Aspectos da questão racial**. O negro no mundo dos brancos. 2. Ed. Revista – São Paulo: Global 2007.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51ª ed. rev. São Paulo. Global. 2006.
- GOMES, Nilma Lino. Educação Cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Elianne. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001. p 83 - 96

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **A Balaiada**. 2.ed. São Paulo. Editora Brasiliense. 1991.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. **Memória histórica e documentada da revolução da província do Maranhão desde 1839 até 1849**. São Paulo. Siciliano, 2001. (Coleção Maranhão Sempre).

MARTINS, Cynthia Carvalho, ARAUJO; Helciane de Fátima Abreu. **Memórias de lutas: a criminalização dos defensores de direitos humanos**. São Luís. SMDH. 2019.

_____, Cynthia Carvalho. **A Balaiada segundo Gonçalves de Magalhães: análise de representações oficiais dos quilombos a partir do relato de Gonçalves de Magalhães**. Caderno de Políticas Públicas da UFMA, São Luís, 1998

PACHECO DE OLIVEIRA, João. **O Nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2016.

OTÁVIO, Rodrigo. **A Balaiada, 1839. Depoimento de um dos heróis do cerco a Caxias sobre a revolução dos "balaies"**, Rio de Janeiro, Companhia Tipographica do Brazil, 1903.

_____, Rodrigo. **A Balaiada, 1839. Depoimento de um dos heróis do cerco a Caxias sobre a revolução dos "balaies"**. São Paulo: Siciliano. 2001.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Elianne. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001. p 161- 178

SERRA, Astolfo. **A BALAIADA**. 2.ed. São Luís. Instituto Geia. 2008.

SCHWARZ, Lilia K. Mortiz. **O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras. 1993.

_____, Lilia K. Mortiz. Raça sempre deu o que falar. In: FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. Ed. Revista – São Paulo: Global 2007. p 11 – 25.

_____, Lilia K. Mortiz. **Questões de Fronteira: sobre uma antropologia da história**. Novos estud. - CEBRAP, Jul 2005, no.72, p.119-135.

SILVA, M.P.; Identidade Racial Brasileira. In: Gevanilda Santos; Maria Palmira da Silva (Org.). **Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI**. 1. ed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo. 2005. p. 37 – 44.